

# DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

BATISMO  
DAS  
FEITICEIRAS



L P BACAN



# **BATISMO DAS FEITICEIRAS**

**L P Baçan**



**Edição Eletrônica: L P Baçan**

**All rights reserved**

**Copyright © 2017 do Autor**

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.**

**Venda Proibida.**

**2017**

## **livro dez**

# **BATISMO DAS FEITICEIRAS**

## **CAPÍTULO 1**

Após desligar as luzes, Nara Coletto trancou as austeras portas do prédio e desceu lepidamente a escadaria até a calçada. Consultou o relógio. Passava das dez e todos os outros empregados do Centro de Tradições Medievais já havia ido embora.

Perdera sua carona e teria de caminhar algumas quadras até a avenida onde conseguiria um táxi ou um ônibus para casa.

O inverno chegava rigoroso para toda a Europa, prometendo nevascas violentas e quedas repentinas de temperatura. O ruído das folhas secas arrastadas pelo vento a assustou.

Apressou o passo. Toda aquela preocupação com a Grande Festa Medieval teria sua recompensa. Como primeira-secretaria da comissão, receberia o costumeiro um por cento da renda total.

A cidade toda esperava ansiosamente aquela noite, quando velhos trajes seriam desenterrados dos velhos baús e envergados com elegância pelos convidados.

Uma sombra passou diante de seus olhos e ela julgou que alguma folha, derrubada de uma árvore, viesse ao encontro de seu rosto.

Instintivamente desviou a cabeça para o lado e um gosto adocicado tomou conta de sua boca, ao recuar horrorizada. Por instante, ficou atônita, contemplando aquela metamorfose aterradora. Seus joelhos fraquejaram, mas o instinto de sobrevivência falou mais alto e ela gritou, alto, rouco,

demorado, antes que nova pancada a atingisse no alto da cabeça e ela tombasse desfalecida.

Luzes se acenderam numa janela do outro lado da rua. A vidraça foi erguida. Um rosto de homem surgia, olhando de um lado para outro, antes de recolher-se.

O silêncio caiu sobre a rua deserta. O vento continuou arrastando folhas.

\*\*\*

Um dos motivos de orgulho de Máximo Seratti era sair à varanda de sua casa, no alto da colina, e observar as luzes da cidade de Roma.

Cofiando seus imensos bigodes, ficava ali embevecido, ao cair a noite, enquanto lá dentro sua mulher lhe preparava a melhor refeição.

Naquela noite, pouco antes de entrar para o jantar, Máximo ouviu ruídos no curral das ovelhas. A princípio julgou que seu carneiro reprodutor estivesse em atividade. Depois, quando ouviu o lascar de madeira, preocupou-se.

— Malditos! — murmurou consigo mesmo, entrando apressadamente e indo apanhar sua espingarda de caça.

Ao vê-lo municiando a arma, a esposa ficou apreensiva.

— O que foi, Máximo! — indagou, limpando as mãos no avental.

— Ouvi barulho lá no curral das ovelhas. Garanto como é algum desses invejosos querendo meu carneiro — respondeu, saindo antes que esposa tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Engatilhou a arma, Máximo atravessou sorrateiramente o pátio, procurando se ocultar e observar, antes de dar o próximo passo.

Tudo estava em silêncio. Apenas o vento assobiava macabramente por entre galhos desfolhado.

Chegou até a cerca e observou atentamente. As ovelhas estavam quietas. Seu carneiro descansava a um canto. Do outro lado, porém, haviam aberto um buraco na cerca cuidadosamente construída pelo fazendeiro.

Um sorriso iluminou seu semblante. Desejou que a lua-cheia tivesse nascido. Assim poderia ter uma visão imediata do ladrão.

Esperou pacientemente. O barulho voltou a se repetir e mais algumas tábuas caíram, assustando as ovelhas. Julgando ter visto um vulto esgueirar-se pela abertura, Máximo se ergueu, levantando a arma à cara.

— Pare, ladrão, amaldiçoado! — berrou, pronto para atirar.

O vento soprou mais forte, estranhamente, mudando de rumo e atirando poeira em seus olhos. No momento seguinte, um pesadelo travessão cruzou toda a extensão do curral, rumando para seu peito.

Quando o percebeu, era tarde demais. A pancada arrebentou ossos e jogou-o para trás, num gemido de dor. Tentou erguer-se, tentou gritar, tentou apertar o gatilho da arma para alertar a esposa, mas as forças se esvaíram e ele desfaleceu.

O vento continuou arrastando folhas. As ovelhas se aquietaram. Na varanda da casa, a mulher chamava inutilmente o nome de Máximo.

\*\*\*

Nicola D'Anunzio dirigia um dos mais estranhos estabelecimentos da cidade. Sua loja possuía, espalhados pelas prateleiras empoeiradas, os mais exóticos artigos, de um simples talismã contra mau-olhado até os mais perigosos ingredientes de feitiçaria e magia negra.

Naquela noite, após haver verificado seu estoque e constatado a falta de uma certa essência do Tibet, ele se sentou diante da máquina registradora e verificou a fêria do dia.

Fora fraca. Dia a dia decaía a procura pela sua mercadoria. Os italianos pareciam mais interessados em armas ou pornografia do que no culto do sobrenatural.

Houvera um tempo em que aquilo fora um bom negócio. Nicola há muito vinha hesitando entre continuar com aquilo ou aposentar-se com o que havia acumulado ao longo dos anos.

Alguém bateu na porta o fez deixar o dinheiro e se levantar. Armou-se de um facão. Com tantos assaltantes cometendo os crimes mais bárbaros, era sempre bom estar preparado.

— Quem é?

— Preciso de uma porção de mandrágora! — disse uma voz cavernosa do outro lado.

Os olhos do comerciante brilharam. A mandrágora escasseava. Poderia ser um bom negócio.

— Vamos embora! Estou com pressa — disse a voz do outro lado, com certa impaciência.

— Está bem, é só um minuto — disse, enquanto soltava o trinco e girava a chave.

A impaciência do comprador deveria ser muita, pois não esperou que o comerciante abrisse de todo a porta. Empurrou-a violentamente, fez Nicola recuar alguns passos.

Instintivamente o homem ergueu o facão. Ao encarar o que tinha diante de si, no entanto, percebeu que toda e qualquer reação seria inútil.

Lágrimas vieram a seus olhos. Ele caiu de joelhos. Seus dedos perderam a força e o facão bateu contra a madeira do assoalho,

Nicola levantou os olhos. Pensou em suplicar, em oferecer tudo que tinha, mas as palavras morreram em sua garganta. Uma negra mão estendeu-se apanhou o facão.

— Padre nosso que estás... — começou Nicola, com voz trêmula, mas não foi adiante.

O fio da lâmina cantou lugubrememente e o sangue se espargiu sobre a madeira e contra o vidro de um balcão próximo. A cabeça rolou macabramente pelo assoalho. Os olhos esbugalhados revelavam o terror.

\*\*\*

Sentada a um canto do Salão, em companhia de seu pai, Suzanah Gantry observava todos os movimentos da irmã, a loura e estonteante Vanessa Gantry, rodeada, como sempre, de inúmeros admiradores.

Além daquele ar de timidez e introspecção de seu rosto, havia um brilho acentuado de inveja. A maneira como os homens eram atraídos pela beleza e pelo encanto de Vanessa aborrecia Suzanah e a fazia odiar-se por ser como era.

Vanessa tinha tudo, pois sabia como conseguir o que queria, fosse um presente especial de seu pai ou algo emocionante de um homem.

Suzanah jamais poderia ser como ela, apesar de, em sua beleza, quase se igualar à irmã. Faltava-lhe a agressividade, talvez, que sobrava em Vanessa.

Sempre fora daquela forma. Vanessa sempre demonstrara possuir algo mais. Talvez coragem, talvez o brilho inquieto dos olhos faiscantes ou o modo envolvente e persuasivo de falar que cativava e escravizava.

— Vamos embora, pai? — indagou, incapaz de assistir por mais tempo à apresentação sempre impecável e quase escandalosa de Vanessa.

— Ora, filha! Só mais um momento. Vanessa está se divertindo tanto. Por que você não a acompanha?

Suzanah abaixou a cabeça e um brilho forte e assustador passou por seu olhar. Ela respirou fundo, torcendo nervosamente as mãos.

Fixou-se, então, naquele incomodo sinal negro em seu pulso, semelhante às asas de um morcego. Distraiu-se com ele, embora o detestasse.

Além de ser um ponto insensível de seu corpo, aquele sinal a envergonhava, pois fatalmente atraía a curiosidade de quem a visse.

Chagara a comentar isso com seu pai, mas ele evitou o assunto tão rispidamente que à desencorajara em definitivo, como se quisesse esconder algo ou manter um segredo que o desgostava.

Suzanah sabia que não era uma marca de nascimento. Adquirira aquilo depois, talvez em sua infância. Por mais que se esforçasse, no entanto não conseguia se lembrar.

A única coisa de que se lembrava era de uma tênue ligação entre o sinal e uma figura feminina que habitava o fundo de seu cérebro e lhe surgia, às vezes, em sonhos de que não se lembrava em detalhes.

Juraria, porém, que entre ela e aquela imagem de mulher havia uma afinidade profunda e estranha. Talvez fosse sua mãe, mas não conseguia se lembrar dela também.

Por um motivo que jamais esclarecera. Amos Gantry, seu pai, havia destruído todas as recordações da falecida esposa.

— Suzanah, venha conosco, querida! Billy vai nos cantar alguma coisa, acompanhando-se ao piano — disse Vanessa, aproximando-se rodeada de seus admiradores.

— Eu... Eu agradeço, mas prefiro me recolher. A viagem foi cansativa e... Bem, amanhã temos um programa agitado e...

— Indecisa como sempre, irmãzinha. Seja como você quiser, então — descartou Vanessa, afastando-se com sua legião de fãs.

Amos Gantry a observava se afastar com um sorriso embevecido nos lábios, depois voltou os olhos para Suzanah e a fitou com certo aborrecimento mal disfarçado.

— Quer ir então? — indagou.

— Sim, pai — confirmou ela, levantando-se.



Momentos depois, após haver informado Vanessa, Amos a acompanhou até a saída do luxuoso restaurante, onde todo o pessoal da excursão se encontrava.

Suzanah caminhava à frente dele, sentindo que sua atitude estragava-lhe a noite. Podia sentir o humor de seu pai. Podia sentir o humor de Vanessa. Podia ler os pensamentos de qualquer pessoa.

Tudo era vago, indefinido, mas era como se sentisse as mesmas sensações dos outros ou como se captasse essas sensações vagamente.

— Eu detesto saber que estraguei sua noite, papai — disse ela, quando o ar frio da noite os envolveu. — Posso caminhar até o hotel, é aqui perto.

— Não, eu a acompanho — afirmou Amos, embora sua voz traísse certa rispidez que não incomodava mais a garota.

— Ora, papai, por favor! Pensa que não vi os olhares da viúva Wallace?

Amos ruborizou e pigarreou, mas não pode impedir que um sorriso maroto viesse a seus lábios.

— Vamos, fique e divirta-se — insistiu Suzanah. — Eu estarei bem. Amanhã cedo estarei pronta para as atividades — disse voltando-se e encarando-o.

Amos esboçou um sorriso sem significado e tomou uma das mãos da garota entre as suas, acariciando-a. Ao tocar aquele ponto negro do pulso, no entanto, retraiu-se rapidamente.

Sua atitude não surpreendeu a garota, embora servisse para constrangê-los.

— A noite está maravilhosa, papai. Divirta-se! — recomendou ela, afastando-se no meio da noite.

Amos ficou olhando a filha caminhar rapidamente pela rua quase deserta, depois sorriu, suspirou e retornou ao luxuoso salão.

\*\*\*

A gargalhada satânica fez gelar no corpo da garota, que se ergueu aturdida, tentando manter o corpo coberto em meio às tiras a que se reduziam suas roupas.

Olhou ao seu redor. Um grito brotou de sua garganta ao encarar o rosto zombeteiro e repugnante de um corcunda. A mão pesada de Torg se abateu sobre o rosto dela, jogando-a para trás, sobre uma arca medieval, recoberta de metal.

— Por favor! O que deseja de mim? — indagou ela, limpando o sangue que escorria de seus lábios feridos.

Torg riu sadicamente. A maciez daquele corpo, cedendo deliciosamente à força de suas pancadas provocava um prazer intenso animalesco, desumano.

Ele avançou para ele novamente. Nara Coletto recuou, tropeçando num amontoado de correntes enferrujadas e caindo sobre uma prancha coberta de velhas manchas de sangue.

Torg a dominou, segurando seus pulsos e colando seu corpanzil ao dela. Esfregando-se voluptuosamente, procurando encaixar-se entre as coxas que se debatiam.

Nara debateu-se, suplicando. Num impulso irresistível, Torg colou seus lábios aos dela e mordeu impiedosamente, arrancando um naco de carne.

Nara gritou horrorizada e o som de seu grito ecoou inutilmente pelo calabouço escuro. O corcunda gargalhou, extravasando sua volúpia assassina. Suas mãos se concentraram ao redor do pescoço da jovem e ele apertou-o até senti-la estrebuchar.

Soltou-a em seguida e ficou vendo seu corpo deslizar para o piso frio das pedras do calabouço. Nara tossiu espasmodicamente, agitando-se debilmente.

Torg olhou, então, a bolsa que tomara dela. Estava sobre uma estranha cama, cujo colchão era construído de cravos pontiagudos e de cujas extremidades pendiam velhas algemas enferrujadas.

Sob a luz macabra dos archotes, ele capengou até lá e abriu-a. Um envelope caiu a seus pés e ele se abaixou para apanhá-lo. Abriu-o e examinou seu conteúdo. Um sorriso de satisfação passou por seus lábios frios e cruéis.

Virou-se para a garota, que, de joelhos, refletia o terror nos olhos esbugalhados e no rosto lambuzado de sangue.

Caminhou para ela e ela pressentiu o pior, encolhendo-se instintivamente.

Uma sombra avançou pelo corredor e desembocou na antiga sala de torturas. Torg estacou ao observar Drácula. Os olhos dilatavam-se ao cheiro de sangue que dominava o ambiente sinistro.

Em suas mão o Príncipe das Trevas trazia uma caixa de metal. Torg olhou-a sem entender, mas podia adivinhar que a diversão de sua noite estava irremediavelmente comprometida por algum plano do vampiro.

— Conseguiu o que pedi? — indagou Drácula.

— Sim, há mais do que o suficiente — apressou-se em responder o corcunda.

Drácula avançou até Nara e a encarou sem piedade.

## CAPÍTULO 2

Alessandro Garbo depositou sobre a mesa sua garrafa térmica, o embrulho com alguns sanduíches e um livro. Depois foi até seu armário, apanhou o coldre e afivelou-o ao quadril.

Aproveitando para mais uma olhada ao espelho. Consertou o boné, piscou um olho e sorriu convencido. Uma porta se abriu atrás dele e, pelo espelho, viu seu amigo se aproximar.

— E daí, Nuno, tudo tranquilo neste museu? — indagou.

— Apenas as múmias estão um pouco inquietas — riu o outro, passando-lhe a arma e um chaveiro de onde pendiam todas as chaves das portas principais do prédio.

— É preciso avisar o diretor para que trate de eliminar os pombos no telhado — disse-lhe o amigo, após guardar o seu coldre no armário.

— O barulho o assusta? — riu Alessandro.

— Não, mas incomoda. Dá a impressão de que há alguém caminhando pelo forro.

— Deixe comigo! Se quiser um café, aproveite. Está quente. — disse.

— Não, vou embora agora mesmo. Há alguém a minha espera — sorriu o outro, ajeitando os cabelos.

— Loura ou morena?

— Moreníssima — disse o outro, acenando um adeus e saindo.

Alessandro esperou até que ouvisse o girar da chave. Depois deixou o vestiário, girando o chaveiro em suas mãos. Mal havia dado alguns passos pelo corredor sombrio, ouviu um barulho acima de sua cabeça.

Ergueu os olhos, prendendo a respiração. Pombos não vinham tão longe.

Instintivamente sua mão pendeu na direção do coldre e ele soltou a trava que prendia a arma. Tudo ficou em silêncio, porém.

— Talvez tenha se desgarrado — conjecturou, em voz baixa, continuando em frente.

O barulho se repetiu. Era como se alguma coisa o acompanhasse, caminhando sobre o forro. A madeira rangia e estalava.

— Diabos! — praguejou ele, olhando para cima.

A alguns metros dali, em linha reta pelo corredor, havia um alçapão. Alessandro sabia que encontraria uma escada no vestiário, assim como uma potente lanterna. Hesitou por instantes, depois girou nos calcanhares.

Apanhou a escada e retornou ao corredor, procurando caminhar sem ruído. Seus músculos estavam tensos, mas sabia que não seria uma noite tranqüila se não investigasse logo a origem daqueles ruídos.

Firmou a escada sob o alçapão, no exato momento que qualquer coisa arranhava a madeira de sua cabeça. Estremeceu.

Verificou se a escada estava firme, depois começou a subir lentamente os degraus. Quando teve o alçapão ao seu alcance, empunhou a arma numa das mãos e a lanterna no outra.

O ruído se repetiu. Alessandro engatilhou a arma e empurrou o alçapão. O fecho de luz foi bater contra um emaranhado de fios elétricos e teias de aranhas.

Um silêncio mortal reinou no corredor. Alessandro adiantou um pé e começou a erguer lentamente o corpo, enquanto, com a lanterna procurava iluminar o interior escuro.

Um estalo o fez girar os olhos e, com espanto, viu a tampa do alçapão descer violentamente sobre sua cabeça, atordoando-o.

Seu corpo despencou pela escada estatelando-se no piso frio. Logo em seguida, um vulto negro e sinistro saltou sobre ele.

Alessandro ouviu o estalar dos ossos de suas costelas, antes de desfalecer. Por algum tempo tudo foi trevas em sua mente. Quando recobrou a consciência, ergueu-se dolorosamente.

Havia silêncio no interior do museu. Um filete de sangue descia pelo seu rosto. Ele apalpou a cabeça ferida, depois procurou sua arma e a lanterna.

Havia um disparador de alarme logo adiante. Cambaleou naquela direção, mas estacou quando dois vultos encapuzados deixaram rapidamente uma sala.

A surpresa o paralisou. Uma das sombras ergueu a mão, onde faiscava um punhal antigo.

— Não com esse! — Alertou uma voz cavernosa.

Alessandro não entendeu e jamais teve tempo de entender. Apenas viu a lâmina brilhante e fria rumar em sua direção, depois o sangue escorrer pelo seu peito.

\*\*\*

A garota estava nua estendida sobre a prancha enegrecida. A fumaça desprendida dos archotes, mesclada ao mofo e à podridão daquela sala de torturas, fazia exalar um cheiro nauseabundo e repugnante.

A um canto, Torg assistia àquele estranho ritual. Jamais vira Drácula agir daquela forma. Não ousará questionar, no entanto, as intenções de seu mestre.

Por instantes, porém, revoltou-se contra as atitudes do príncipe das Trevas. Drácula lhe pedira que conseguisse os malditos convites e ele o fizera. Por que não deixar, então, que Torg se divertisse com a garota?

— Venha cá — disse Drácula, sem olhá-lo.

O corcunda coxeou rapidamente para junto dele.

— Sim, mestre.

— Segure isso — disse o vampiro, passando-lhe um punhal de prata.

Torg estranhou a ordem, mas não hesitou em obedecê-la. Drácula rugiu e espasmos abalaram seu corpo. Seus olhos chamejaram, injetados e arregalados. Sua boca se abriu e as presas enormes se sobressaíram.

Resfolegando animallescamente, o monstro debruçou-se sobre a garota, agarrando-a pelos cabelos e torcendo-lhe a cabeça para o lado.

Sua língua fétida lambeu o pescoço delicado, antes que os caninos aguçados se cravassem nas carnes tenras de onde o sangue borbulhou, vermelho e vivo.

Ruídos esganados e desagradáveis dominaram o tétrico aposento, enquanto Drácula se contorcia sobre o corpo da jovem, sugando gota após gota, num festim macabro.

Quando terminou, a palidez havia coberto a pele acetinada. O vampiro se voltou para o corcunda. O sangue lambuzava seus lábios, escorrendo para o seu queixo. Uma expressão delicada transformava seu rosto numa máscara amedrontadora e repulsiva.

Torg estremeceu, fitando aqueles olhos com faiscar de fogo infernal. Drácula apanhou a estranha caixa de metal e derramou seu conteúdo numa espécie de banheira medieval, onde, com certeza, eram torturados por afogamento os infelizes que caíam naquelas masmorras.

— Corte! — ordenou, então, estendendo os pulsos para o corcunda.

Torg balançou pateticamente a cabeça disforme, sem compreender a ordem.

— Corte! — rosnou Drácula, numa ordem ameaçadora.

Tremulamente o fio da lâmina pousou sobre um dos pulsos. Torg ainda olhou direto nos olhos do vampiro, antes de empurrar e puxar com força o punhal.

O sangue jorrou, enegrecido, apodrecido, fétido, das veias dilaceradas.

— É o bastante! — disse Drácula, estendendo o braço sobre a banheira macabra e fazendo seu sangue se misturar às cinzas mal-cheirosas que jogara lá dentro.

Uma nevoa sobrenatural começou a se elevar da banheira. Torg compreendeu, então, o que seu mestre pretendia, mas não sabia a quem ele pretendia ressuscitar.

Observar atentamente. Sob a névoa, um vulto começou a se delinear. Primeiro os contornos delicados das pernas, depois arredondados dos quadris e afunilados à cintura. Além disso, a névoa parecia mais espessa e confusa, mas o olhar penetrante de Drácula revelava satisfação.

— Ela está de volta — murmurou.

Torg observou, então, que uma palidez cadavérica e perigosa cobria o rosto de Drácula.

— Mestre — ousou ele.

— Eu sei — cortou-o a besta preferida de Satanás, apanhando uma tira do que fora a roupa de Nara Coletto e envolvendo rapidamente o pulso ferido.

— Quem é ela, mestre? — Indagou Torg, quando percebeu que um vulto de mulher se delineara contra o fundo da banheira macabra.

— Daura! — rosnou o vampiro, os olhos brilhando de satisfação.

\*\*\*

Suzanah deixou de lado o livro e apanhou o telefone. Ligou para a copa e pediu um lanche. Depois consultou o relógio. Vanessa ainda não retornara e, com toda certeza, seu pai também não.

Já era madrugada, mas, apesar do cansaço da viagem, não se sentia com sono. Havia qualquer coisa no ar, inquietando-a, perturbando-a.

Aquela vinda a Roma sempre fora um sonho para ela. Sua mãe era italiana, era uma das poucas coisas que sabia sobre ela.

Voltar à terra de sua mãe produzia uma enorme inquietante dentro de Suzanah. Ela queria visitar os locais onde sua mãe residia. Observar os prédios onde brincara, respirar o ar que ela respirara.

Talvez nisso estivesse a explicação para aquela sensação incomoda que não a deixava adormecer. Levantou-se, caminhou um pouco pelo quarto, parou junto à janela e ficou observando as ruas vazias, antes de voltar ao livro.



Batidas na porta indicaram que seu lanche estava chegando. Foi atender. Um garçom sonolento empurrou o carrinho, depois acomodou o prato e travessa sobre a mesa ao lado de um espelho.

Suzanah estendeu a mão para descobrir o lanche apetitoso que lhe fora servido. A manga do roupão deslizou e o sinal negro se mostrou aos olhos do rapaz, que estremeceu e, pelo espelho observava a garota.

Suzanah teve um pressentimento e ergueu os olhos.

— Algo errado? — indagou.

O rapaz baixou o olhar, fixando no sinal do diabo ao pulso da garota. Ao perceber o que chamara a atenção dele, Suzanah encolheu o braço, ocultando a marca.

— Eu agradeço sua gentileza, agora pode ir — disse, secamente.

O rapaz hesitou, como se aquela marca houvesse provocava sua imaginação ou chocada sua sensibilidade.

— Eu disse que pode ir — falou a jovem com firmeza e rispidez.

— Sim, claro — murmurou ele, retirando-se e empurrando o carrinho.

À porta, porém, ele estacou e se voltou, olhando-a nos olhos de um modo que a fez estremecer.

— Faz parte daquela excursão de americanos, não? — indagou.

— Sim, algo que o interessa?

— Terão a tarde livre amanhã. Por que não visita o parque de diversões na praça Da Vinci? Tenho certeza que encontrará algumas respostas na cartomante da primeira barraca ao lado do lado — afirmou o rapaz, saindo para o corredor.

— Espere! — pediu ela, confusa. — Que tipo de respostas?

— Não sei quais são suas perguntas — respondeu ele, olhando o braço que se apoiava ao batente da porta.

Aquele sinal negro e assustador parecia ganhar um significado especial para ele e isso instigou a curiosidade da garota.

\*\*\*

O carro avançou lentamente pela rua deserta estacionando finalmente, diante de um prédio de apartamentos. O homem ao volante desligou a chave e as luzes, depois se voltou para a jovem ao seu lado.

Passou os braços pelos ombros dela, depois puxou-a para si, prendendo seus lábios num beijo demorado e voluptuoso. Sua mão livre foi pousar sobre os joelhos dela, iniciando uma carícia envolvente e provocante.

Ela suspirou, quando ele afrouxou o braço. Seus olhos lânguidos e delicados se alongaram pela rua, depois se fecharam lentamente e sua cabeça pendeu na direção do ombro dele.

Um ruído sibilante quebrou o silêncio. A garota abriu os olhos e encarou o namorado. Ele a olhava igualmente intrigado.

— O que foi isso? — quis saber ela.

— Não sei... Acho que o vento... — conjecturou ele, inclinando-se para frente para olhar através do pára-brisa.

A porta ao seu lado se abriu repentinamente e um braço feminino de unhas negras e longas estendeu-se, agarrando-o pelo pescoço e puxando-o para fora com incrível força.

A garota ao seu lado se ergueu, atônita e horrorizada. O vidro ao lado foi quebrado e a mão forte e fria de Drácula se estendeu, agarrando-a pelo pescoço e puxando-a.

O corpo e as roupas rasgaram-se contra os estilhaços do vidro e, com um olhar de impotência e súplica ela encarou o rosto diante de si.

Presas alongadas se sobressaíam sobre os lábios finos do vampiro. Sua respiração era apressada e opressiva. Seu hálito era fétido, insuportável.

— Deus! — gaguejou a garota.

Uma gargalhada satânica explodiu aos seus ouvidos, arrepiando-a. Um facho de luz repentino bateu em cheio naquele rosto monstruoso.

— O que está havendo aí? — indagou o porteiro, alertado pelo barulho dos vidros quebrados.

Drácula encarou-o fuzilando. O homem estremeceu e persignou-se, antes de sacar uma arma e apontar direto para o corpo do vampiro, que lhe voltou as costas e observou o que acontecia no meio da rua.

Um vulto de mulher se debruçava sobre um homem e seus lábios se colavam voluptuosamente ao pescoço dele. O disparo ecoou pela rua, assustando-a.

Drácula se voltou para o porteiro, que observava estarecido. Daquela distancia jamais poderia ter errado. Drácula rosnou ameaçadoramente e se inclinou apanhando o corpo da garota e erguendo-o com incrível facilidade.

O porteiro tentou correr, mas o arremesso o atingiu nas costas. Ele caiu, horrorizado, ante o peso da garota, que estremecia convulsivamente, como se estertorasse.

— Daura! — chamou o vampiro.

Ela ergueu o rosto para ele. Seus cabelos dourados oscilavam ao vento. Sua boca lambuzada de sangue esboçava um sorriso satisfeito. Seus olhos esbranquiçados luziam macabramente.

A um gesto de Drácula, ela o seguiu e as sombras da noite os envolveram. Algum tempo depois, diante dela, Drácula a tomou nos braços, olhando-a longamente.

Depois beijou-a sofregamente, fazendo-a regurgitar. Com indizível satisfação, o vampiro colheu em sua boca o vômito sanguinolento e morno.

### CAPÍTULO 3

O policial fez um sinal para a ascensorista, depois correu até o elevador. A garota sorriu-lhe enquanto pressionava o botão de um dos últimos andares, onde se localizava a seção de homicídios e latrocínios.

Rocco, postado logo atrás dela, aspirou o suave perfume e, por instantes, admirou os contornos roliços e firmes das nádegas comprimidas na calça justa do uniforme dela.

— Chegamos, tenente — sorriu ela, quando a porta se abriu.

— É uma pena — murmurou ele, saindo, após esbarrar provocadoramente nela.

Ela ficou observando o policial caminhar até a porta de sua sala antes de fechar a porta.

Quando entrou em seu gabinete, Rocco viu seu assistente sentado diante da escrivaninha. Sobre ela, algumas pastas novas, o que indicava que o plantão noturno fora agitado.

Antes de iniciar suas atividades, foi até uma mesa ao canto e serviu-se de café. Retornou, então, sentando-se. Encarou o subordinado.

— Péssima noite, não? — comentou, contando as pastas sobre a mesa.

— Realmente! Nem tudo está aí, porém, como deve saber. Separei os casos que iam lhe interessar.

— E o que há de interessante neles?

— Tudo parece preparado para a festa de depois de amanhã — respondeu o assistente.

— Eu sei — suspirou o tenente, terminando a xícara de café e procurando um cigarro.

Tragou demoradamente, antes de apanhar as pastas. Observou com desânimo os títulos anotados. Tudo lhe parecia semelhante aos anos anteriores.

— Mas o que temos aqui? Alguma verdadeira novidade? — indagou, abrindo a primeira delas.

— O clássico caso de desaparecimento de Nara Coletto. Só que, dessa vez, ela não voltou mesmo. Desapareceu ontem a noite e...

— Não voltou? — indagou o tenente, intrigado.

— Estranho, não? — disse Cármine, com verdadeira ironia.

Rocco deixou de lado aquela pasta e apanhou a seguinte, apenas folheando-a diante dos olhos sem lê-la.

— O carneiro também foi roubado, como das outras vezes. Posso descrevê-lo. Ativo, de boa linhagem e branco, com chifres bem formados — disse Rocco, jogando a pasta sobre a mesa.

Esmagou, em seguida, seu cigarro no cinzeiro, depois encarou seu assistente.

— Posso descrever os outros casos, sem ao menos olhar para essas pastas — disse. — Uma loja de artigos místicos foi roubada e também o museu. Tudo como nos anos anteriores, sem mudança alguma...

— Engano seu, Rocco — disse Cármine, olhando-o com interesse. Durante os três roubos de ontem à noite, três pessoas morreram — falou Cármine, observando-o sempre.

A testa de Rocco vincou-se e ele encarou com seriedade o outro. Depois apanhou as pastas e leu-as com maior atenção. Um fazendeiro, o proprietário de uma loja de artigos místicos e um vigia do museu todos mortos de maneira cruel e impiedosa.

Aquilo fugia ao padrão dos anos anteriores, Rocco sabia que tudo sempre fora obra de um bando de inseqüentes. Aquela maldita festa provocava-lhes a imaginação e todos queriam abiscoitar o primeiro prêmio pela mais original apresentação.

Assim, roubavam tudo que pudesse contribuir para isso. Muita coisa já acontecera e muita ainda aconteceria. Haveria pequenos furtos que nem

seriam denunciados, mas, na verdade, aquela festa era uma espécie de dor-de-cabeça anual da polícia romana.

Jamais, porém, houvera algum caso de morte. Mesmo Nara Coletto jamais fora molestada durante todos aqueles anos em que trabalhava na comissão organizadora.

Rocco sabia que ela costumava levar consigo na bolsa alguns convites e, não raro, era assaltada por interessados em comparecer ao grande acontecimento.

Fazia parte da tradição. Os ladrões seriam reconhecidos depois, já que seus convites eram marcados. Mas, anos após anos Nara jamais fora molestada e ninguém saira ferido.

— Quero um levantamento em todas as seções de tudo aquilo que possa ter relação com a festa. Depois iremos visitar alguém na comissão organizadora. Talvez alguma coisa lhes tenha fugido ao controle — declarou o policial.

\*\*\*

A luz do dia jamais penetrava no aposento úmido. O ar não se renovava, parecendo acumular-se com o passar dos séculos, conservando no cheiro o terror de muitas mortes violentas e cruéis.

Os archotes queimando jogavam uma luminosidade tétrica sobre os aparelhos antigos e enferrujados. Espalhados, como lembranças de um tempo de horror, fragmentos de esqueletos apodrecidos, quase desfeito em pó, constituíam uma decoração macabra.

No silêncio quebrado pelo guinchar de velhas ratazanas, Torg observava o corpo desnudo da garota coberto de uma palidez cadavérica, contendo a custo seu apetite animalesco e mórbido.

Passado o terror e na rigidez da morte, o rosto da garota ostentava uma calma impressionante, quebrada apenas pela deformação produzida em seus lábios pela mordida cruel do corcunda.

Uma ratazana veio lambe-lhe os lábios dilacerados. Torg apanhou uma clava, de massa coberta de cravos pontiagudos, arremessando-a com incrível precisão.

O animal rolou pelo chão imundo e fugiu, escorraçado, deixando uma trilha de sangue.

— Bela! — rosnou Torg, passeando o olhar pelo corpo bem torneado da mulher, concentrando-se à altura do coração, agora imóvel, estático, sem vida, sem pulsações e sem sangue.

Deveria arrancá-lo e saboreá-lo, como rezava a sua maldição. Mas a garota era bela e, ao mesmo tempo, deformada agora.

Jamais um homem olharia para ela sem asco ou repulsa, da mesma forma como mulher alguma jamais olharia Torg. Havia um macabro elo de ligação entre os dois.

Lentamente o corcunda se ergueu e se aproximou do cadáver, fitando as marcas malditas em seu pescoço. Se o coração não fosse extirpado, ela retornaria como um nosferato, criatura da noite como Drácula, com seu apetite estranho e aterrorizante.

— Companheira! — resmungou o corcunda inclinando-se para o corpo.

Sua mão nodosa e áspera acariciou os contornos macios e delineados dos seios dela, depois o ventre achatado e os quadris provocantes.

Suas unhas sujas arranharam com malícia o triângulo sedoso, concentrado acima da feminilidade escancarada na grotesca posição em que fora deixada, após a morte.

Com um carinho repentino. Torg acomodou o corpo, cruzando as mãos sobre o peito. Voltou-se à procura da bolsa da garota.

Foi rebuscá-la. Encontrou o que procurava. Era o documento de identidade de Nara Coletto. Torg leu com interesse o local de nascimento da garota.

Conhecia a vila, não muito distante de Roma. Poderia ir até lá e retornar antes do escurecer, trazendo o necessário, já que a garota não contaria com a proteção de Drácula, como acontecia com Daura.

Ao pensar em seu mestre, hesitou. O príncipe do Mal talvez não concordasse com aquilo. Era um risco calculado. Torg não suportaria por mais tempo aquele desejo insatisfeito. A presença de uma companheira poderia amenizar a espera.

Decidiu-se, então. Tudo que precisaria era um bom ataúde e um punhado de terra da localidade onde Nara nascera. Poderia conseguir tudo aquilo naquela tarde.

\*\*\*

Suzanah pensou nas palavras do camareiro, na noite anterior.

Tinha a tarde livre. Sua irmã Gantry, seu pai, já traçara seus planos para aquela tarde romântica em Roma.

Apenas Suzanah restara, só em seu quarto de hotel, hesitando. Aquele sinal negro em seu pulso a inquietava, principalmente após a chegada à cidade.

Havia qualquer coisa no ar, como segredos sussurrados, como perguntas cujas respostas precisavam ser decifradas na passagem inquietante das brisas frias.

Apanhou a bolsa, finalmente, e desceu para o saguão do hotel. Talvez fizesse algumas compras nas lojas próximas dali.

— Quer um carro, senhorita? — indagou-lhe uma voz que reconheceu imediatamente.

— Não... — respondeu de imediato, enquanto o rapaz continuava parado ali, com uma atitude respeitosa e, ao mesmo tempo, impaciente.

— Vai ao parque de diversões, senhorita. Por que não vai até lá?

— Eu não gosto de...

— Mas precisa ir — cortou-a ele, incisivo.



— E por que preciso ir?

— Isso não a intriga? — indagou ele, apontando para o pulso dela.

Num gesto instintivo, Suzanah cobriu o sinal negro com a outra mão. O rapaz esboçou um sorriso, depois saiu para a calçada e fez um sinal. Imediatamente um táxi avançou, estacionando diante do hotel.

O camareiro abriu a porta e inclinou-se, numa reverência prolongada, que só terminou quando Suzanah cedeu, finalmente, ao convite.

Assim que entrou, o rapaz fechou a porta e olhou-a com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Ao Centro de Compras — ordenou ela ao motorista.

Suzanah não conhecia a cidade, mas recebera a necessária orientação dos guias para saber onde encontrar o Centro de Compras.

Quando o motorista tomou um rumo indefinido, fugindo ao roteiro esperado, ela se alarmou.

— Não é esse o caminho — disse, esforçando-se em seu melhor italiano.

— Vou levá-la onde deseja ir, senhorita — respondeu o motorista, olhando-a por instantes pelo retrovisor.

O olhar dele a fez estremecer. Havia qualquer coisa de assustador naqueles olhos sem expressão, frios e sem vida. Ela encolheu-se em seu assento e, por instante, algo relanceou por sua mente.

— O parque de diversões — murmurou, ao perceber, após, uma esquina, os enormes aparelhos em movimento, cheios de um colorido infantil e extasiante.

Algo dentro dela, porém, encolheu-se, como se estivesse preste a encarar algo de que vinha fugindo há muito tempo.

O carro parou, finalmente, diante da entrada, representada pela cara de um palhaço, de boca escancarada, por onde adultos e crianças avançavam sorridentes, portando balões coloridos e flocos de algodão-doce.

O motorista inclinou-se para trás e para o lado e puxou o trinco, abrindo a porta. Suzannah estremeceu mais uma vez, hesitando.

— Vá! — ordenou ele.

Rapidamente ela saltou do carro, então, depois o viu partir antes que pudesse pegá-lo. Voltou-se e encarou a entrada do parque.

Tudo era muito alegre e colorido. Nada havia que pudesse assustar alguém, mas, dentro dela, aquele pressentimento provocava calafrios cada vez mais intensos.

Avançou, então, lentamente. Momentos depois, estava junto ao lago, que dividia o parque em duas seções distantes. De um lado os carrosséis, rodas-gigantes e outros aparelhos; do outro lado, barracas sucessivas, de shows exóticos e promessas fantásticas.

Dessa vez não hesitou. Qualquer coisa parecia empurrá-la na direção da primeira barraca.

\*\*\*

Rocco estava cansado e saturado de tantas asneiras e absurdos cometidos na cidade, com ligação direta à festa medieval.

Desde pequenos furtos até delitos graves, como os últimos assassinatos, tudo indicava que, pela primeira vez, algo perigoso e de grandes proporções poderia acontecer naquela festa.

— E então, tenente? Satisfeito com o resultado? — ironizou seu assistente.

— Cale a boca, Cármine! — resmungou o tenente, de mau humor.

Cármine sorriu, apenas, depois acendeu um cigarro. Através da fumaça, observava o rosto do tenente. Uma pergunta dançava em sua cabeça e lá estivera ao longo de todo o tempo em que trabalhava para ele.

Muitas vezes estivera preste a fazê-la, mas evitara-o no último instante, lembrando-se dos alertas de amigos mais velhos no departamento.

Na verdade, porém, jamais conseguira entender o interesse do tenente pela festa medieval. Durante alguns dias por ano ele se esquecia que seu departamento era de homicídios e se entregava como um louco à tarefa de entender aquele acontecimento.

Parecia procurar alguém ou alguma coisa. Dentro de si, transparecia um ódio irracional e inexplicável. Como uma fera sedenta, mas astuta, estivera sempre observando, aguardando algo que Cármine jamais pudera descobrir ou entender.

Estavam juntos há muito tempo. Talvez isso justificasse, agora, a pergunta. Observar seu superior alterar-se radicalmente todos os anos, naquela mesma época era algo intrigante e inquietante.

Tudo parecia uma rotina, porém, pelo modo como as coisas eram feitas. Nara Coletto era seqüestrada e devolvida em seguida inúmeras vezes. Alguém roubava um carneiro de raça, objetos místicos e peças do museu. Nada mudava, apesar do insólito a cada vez.

Naquele ano, no entanto, os assassinos pareciam mudar tudo. Três homens mortos violentamente. Um com o corpo esmagado; outro com a cabeça decepada e ainda não encontrada; o último com diversas costelas fraturadas e o peito aberto como o de um animal no matadouro.

Bateram na porta. Logo em seguida, uma das recepcionistas entrou com um pacote.

— Encomenda para você — disse, indo depositá-lo sobre a mesa do tenente.

— Obrigado! — agradeceu ele, olhando o curioso volume.

Um papel ordinário envolvia uma caixa de chapéu. Barbantes encardidos rodeavam-na, presos em nós curiosos. Rocco puxou o embrulho para perto de si.

— Diabos! O que será isso?

— Só saberá se abri-lo — disse Cármine.

— Claro — riu o policial, abrindo uma gaveta e retirando dali uma baioneta afiadíssima, com a qual cortou os cordões que prendiam o pacote.

Retirou o papel. Cármine juntou-o e jogou-o no cesto de lixo, acompanhando-o em todos os seus movimentos.

— Engraçado! Não lhe parece que... — ia dizendo Cármine, mas interrompeu-se, quando Rocco levantou a tampa da caixa.

A primeira coisa que viu foi uma cabeleira com sangue incrustado. Rocco estremeceu, virando a caixa para despejar o conteúdo sobre a mesa.

A cabeça do infeliz de artigos místicos rolou pelo tampo de madeira e caiu no colo de Cármine, que saltou horrorizado.

— Deus do céu! — exclamou Rocco, olhando a expressão de horror ainda estampada no rosto pálido daquela cabeça.

Cármine levou as mãos à boca, mas não pode conter o jato gosmento e ácido que lhe escorreu pelos dedos, pingando pelo assoalho, enquanto corria para o banheiro.

## CAPÍTULO 4

O local conservava um ar místico e, ao mesmo tempo, assustador, com grossas cortinas negras cobertas de estranhos símbolos.

Ao centro, sobre uma tosca mesa de madeira bruta semelhante ao cepo de um açougueiro, repousava um maço de cartas ensebadas e uma bola de aspecto sombrio que assimilava o negrume das cortinas ao redor.

Suzanah olhou o cristal e nele se viu refletida. A imagem distorcida, porém, a fez estremecer. Lutou contra a vontade de ficar ali, mas aquela atmosfera agora a cativava, como se dali irradiasse toda aquela mística sensação que a envolvera desde a chegada a Roma.

— Deseja conhecer seu futuro? — indagou uma voz atrás delas.

Sobressaltada, Suzanah se voltou, levantando uma das mãos a boca. A velha encarquilhada e sorridente sorriu de seu espanto.

Depois, uma seriedade mortal caiu sobre seu rosto e ela cambaleou atônita e fascinada, ao ver aquele sinal negro no pulso da garota.

Suzanah percebeu a reação da anciã diante do sinal e isso aguçou sua curiosidade a respeito de tudo, afinal. A outra se aproximou e, com seus dedos longos e vulgares, tomou o pulso da garota.

Examinou o sinal. Sua mão tremia mais que a de Suzanah. Levantou os olhos para a garota. Havia neles um brilho maravilhado.

— Sente-se — pediu a mulher, puxando uma das cadeiras.

A garota atendeu. A velha continuou segurando seu pulso. Seus dedos frios e inquietantes. Sua voz tinha um timbre metálico e gutural, como se soasse através de uma cova de pedras frias e sólidas.

— Está tudo preparado, você saberá tudo no devido tempo. Assim como sua mãe.

— Minha mãe? Conheceu minha mãe? — arrepiou-se Suzanah, sentindo-se dominada por uma febril e intensa perturbação.

— Sim, conheci sua mãe. Badiyah era seu nome e ela teve muito prestígio, enquanto não se apaixonou por um tolo mortal e nos deixou...

— Sim, eu me lembro dele, um americano que julgava poder comprar tudo com seu dinheiro. Desgraçou sua mãe ao iludi-la com vãs promessas e tirá-la de sua terra. Ela não teve um só instante de descanso, enquanto não fosse libertada pela morte mais cruel...

— Deus! — exclamou a garota e a velha soltou-lhe o pulso para esbofeteá-la com violência e depois cuspir-lhe no rosto.

Suzanah se ergueu assustada. De sua boca escorreu um filete de sangue que ela limpou nas costas da mão. A mulher diante dela a encarava com severidade.

— Bem se vê como eles a estragaram. Mas não se preocupe, minha filha, nós a traremos de volta — disse a velha, com meiguice, indo tomá-la nos braços.

Com carinho ela fez que Suzanah se sentasse. Depois tomou suas mãos e olhou-a nos olhos. A garota estremeceu. Tudo aquilo lhe parecia absurdo e, ao mesmo tempo, paradoxalmente claro.

— Como pode dizer que conheceu minha mãe se nem ao menos eu lhe disse meu nome? — indagou, pateticamente.

A anciã apontou para o pulso de Suzanah, onde se destacava aquele sinal.

— O sinal do mestre, o clã dos morcegos! A década se inicia e os sábios disseram que ele viria. Sua presença no ritual nos permitirá efetuar o batismo...

— Batismo? — gaguejou Suzanah.

— O batismo das feiticeiras! — explicou a mulher.

\*\*\*

Fechado em seu gabinete, Rocco observava aquele pedaço de papel em sua mão. Seu olhar, porém, parecia atravessar o convite e enxergar além, revelando horror e medo.

Bateram na porta. Cármine entrou em seguida, ainda pálido após os acontecimentos. Rocco ergueu os olhos para o assistente, mas não o recriminou.

— Era o comerciante... O tal dos artigos místicos... — Disse Cármine e sua voz era rouca, como se algo estivesse ainda atravessado em sua garganta.

— Sim, eu sei — respondeu o tenente, jogando o convite sobre a mesa.

— O que é isso?

— Veio junto com a cabeça. Acho que resolveram me convidar em grande estilo — disse o policial, levantando-se e indo até a janela.

O sol se escondia atrás das colinas. Um arrepio instintivo percorreu-lhe o corpo. Seus olhos brilharam, não de medo, mas de ódio.

Um ódio que devorava suas entranhas e ano após ano o perseguia como o pior dos estigmas. Uma esperança de ver tudo ser explicado, após todos aqueles anos, invadia seu coração.

— Todo esse tempo e, finalmente, eles resolveram me convidar. Preciso saber o motivo. Preciso! — afirmou, febrilmente.

— Quem, tenente? — quis saber Cármine.

O policial não respondeu. Voltou para sua escrivaninha e sentou-se, olhando o convite. Seu punho fechou-se, depois martelou com força o pedaço de papel, sobressaltando Cármine, que jamais vira tanto num só olhar.

— Tenente, todo esse tempo eu sempre estive ao seu lado. Todos os anos eu o ajudei nesse caso absurdo, sem jamais pedir uma explicação.

Mas, agora, sinto que não posso reter a minha curiosidade. O que há por trás dessa festa, afinal?

— O mal, Cármine. O mal! — respondeu o tenente.

— Como assim?

O policial levou as mãos às faces, apertando-as com forças. Depois jogou o corpo para trás e ergueu a cabeça, fixando-se em algum ponto no teto.

— O que temos, aparentemente, é uma das maiores e mais movimentadas festas do nosso calendário turístico. A comissão organizadora é composta de gente da maior respeitabilidade. Por trás dela, porém, há um grupo de pessoas, cujos interesses e atividades fogem à mais rebuscada das imaginações. Eles cultuam tudo que há de mal e a festa marca, para eles, o início de um ritual cujos pormenores desconheço, mas que imagino serem assustadores.

— Bruxaria? Satanismo? — arriscou Cármine.

— Mais ou menos, Cármine.

— E o seu interesse nisso, tenente? É algo que não entendo e que jamais entenderei, a menos que me expliquei. Por que todos os anos a seção de homicídios dispensa seu melhor policial para que ele se dedique às investigações mais disparatadas.

Rocco respirou fundo e empalideceu, mas não olhou seu assistente. Continuou olhando fixamente para o teto. A crispção em suas mãos e em seu rosto indicou que a pergunta fora inoportuna.

— Eu sinto muito — pigarreou Cármine, calando-se em seguida.

\*\*\*

Torg arrastou, pelos escuros calabouços daquele velho solar, o ataúde onde depositara o corpo pálido e frio de Nara Coletto.



Forrara-o com uma camada de terra do local onde ela nascera. A maldição inoculada pelas presas fatídicas do Drácula e fariam reviver em breve.

Quando isto acontecesse, Torg teria a sua companheira também. Besta ou mulher, pouco importava ao seu apetite selvagem. Ele a teria e isso lhe bastava.

O importante era dominá-la e isso Torg sabia como fazer. Vira a maneira como Drácula fizera ressurgir Daura. Um pouco de seu próprio sangue faria Nara submissa a ele. Se isso não bastasse, usaria seus poderes e conhecimentos de magia negra para mantê-la sempre saciada de seu macabro apetite.

Assim a teria sempre dócil, como uma fera bem alimentada que passa indiferente a novas presas. Sim, Torg faria isso por sua companheira. Noite após noite ele a banquetearia com um festim de sangue, depois, juntos, se entregariam aos prazeres mais sórdidos e extasiantes.

Após acomodar o esquife numa das celas escuras e úmidas, retornou pelo corredor, tendo o cuidado de trancar a pesada porta, reforçada com barras de ferro.

Quando chegou à sala de torturas, um pressentimento o fez se voltar. Drácula o encarava raivosamente. Em suas mãos finas, de unhas pontiagudas, o monstro acariciava uma ratazana morta.

Torg recuou, intimidado com aquele olhar satânico.

— Você fez isso, Torg? — indagou o vampiro, segurando a ratazana pelo rabo e balançando-a diante do rosto crispado do corcunda.

— Sim, mestre, mas eu não tinha...

— Maldito! — berrou o conde infernal, movendo o braço com incrível rapidez.

A ratazana descreveu um semicírculo no ar e foi se esborrachar nas faces do corcunda. Suas vísceras explodiram, mal-cheirosas e gosmentas, nauseando o corcunda, que cambaleou ante o impacto.

— Perdão, mestre! — suplicou, caindo de joelhos.

Implacável, Drácula chicoteou-o novamente com o corpo espatifado do animal, depois apanhou uma pesada clava de ferro, erguendo-a acima da cabeça.

Torg fechou os olhos e percebeu que fora longe demais. Reconhecia que exagerara em seus desafios. Drácula jamais esquecia ou perdoava. Em mente secular todas as traições do corcunda se juntaram num só desejo de extermínio inadiável.

Uma figura pálida e suave surgiu à entrada da cela macabra, fazendo todo o furor vingativo se aplacar no peito do vampiro.

Ele jogou para o lado a clava e sorriu, exibindo os caninos selvagens. Daura sorriu em resposta, estendendo os braços.

— Linda! — rouquejou o vampiro, enquanto se abraçavam.

Torg rastejou para um canto, observando, enciumado, a maneira gentil com que Drácula tratava sua companheira. O ódio martelou fundo em seu coração retorcido. Aquela mulher mudara Drácula e o mudara mais, fazendo-o desprezar Torg até o momento em que o exterminasse.

Essa verdade o assustou. Após tanto tempo de dedicação, ao invés da grande recompensa, receberia a pior das mortes. Lágrimas vieram a seus olhos, percebendo sua impotência diante da terrível realidade.

\*\*\*

Quando Suzanah chegou ao restaurante, um coro de risos abafados se fez ouvir, numa das mesas ao canto.

Era Vanessa e seus inseparáveis admiradores. Pela quantidade de copos e garrafas de vinho, todos pareciam muito alegres naquele princípio de noite.

Escolheu um canto discreto e se instalou do outro lado. Vanessa comentou qualquer coisa e todos riram, olhando na direção de Suzanah.

Ela estremeceu, sentindo seus nervos em frangalhos. Depois de tudo o que a mulher lhe dissera, no parque de diversões, via-se confusa.

Aquele sinal negro em seu pulso ganhava significado. Era o símbolo de um poder comandado pelo desejo e pelo demônio. Um desejo caro, pago a preço de uma alma que Suzanah teria de oferecer, para selar o pacto.

Depois, estaria pronta para o batismo. Toda sua crença religiosa se chocava, agora, com as mais terríveis revelações.

A verdade sobre sua mãe, a decisão que teria de tomar, o significado de estar ali, tudo a afetava naquele momento de transição.

Uma escolha teria de ser feita. Continuou sendo a trêmula e assustadiça rainha de um clã cujas raízes estavam plantadas nas profundezas do inferno.

Cabisbaixa, não percebeu que Freddy, um dos mais simpáticos rapazes da excursão, constante par de Vanessa, se ergueu e atravessou o salão.

Em seu rosto havia um brilho cruel e sádico. Parou diante da mesa.

— Posso me sentar com você? — indagou.

Ela estremeceu e, antes que pudesse responder, ele já se postava diante dela, encarando-a de um modo que a ofendeu.

— Penso que você seja diferente de sua irmã. Vanessa é tão fútil, tão vazia — declarou ele.

Suzanah o encarou surpresa.

— Gostaria de descobrir como você é. Que tal sairmos logo mais?

Atônita, Suzanah não soube o que responder.

\*\*\*

Uma sensação de horror e náusea dominava o peito de Rocco, enquanto avançava pelo corredor sombrio. Sobre as lajes frias, seus passos e o do enfermeiro ao seu lado ecoavam lugubrememente.

Nas grades ao lado, homens e mulheres desgrenhados, de olhares indefinidos e rostos crispados pela loucura, acompanhavam sua passagem.

Um calafrio percorreu-lhe o corpo ao avistar, iluminado por uma fraca lâmpada, ao fim do corredor. Ali, recortada no maciço de pedras, encrava-se uma pesada porta, com uma pequena abertura à altura dos olhos.

Rocco não olhou. A chave foi girada, duas vezes. As velhas dobradiças rangeram. A luz penetrou formando um quadrado no chão encardido.

Um rato correu para seu ninho, a um canto fugindo da luz. Baratas passeavam calmamente, lambendo velhos restos de comida.

Um odor de podridão, fezes e urina dominava todo o sórdido aposento. Uma sensação de crueldade e impotência estrangulou-lhe o coração.

O enfermeiro acendeu uma lanterna, iluminando as paredes cobertas de restos de fezes e palavrões obscenos, até descansar sobre um vulto acuado a um canto com um animal selvagem.

Uma vestimenta macabra envolvia seu corpo, comprimindo-o entre correias e longos tirantes.

Seu rosto se achava coberto inteiramente por uma máscara de ferro, presa no alto por um cadeado.

— Por que a máscara? — indagou Rocco, num tom inexpressivo.

— Para que se calasse.

— E como ele se alimenta?

— Não tem se alimentado.

— Tire-a.

— Mas não o deixe gritar aquelas palavras. É como abrir as portas do inferno — suplicou o enfermo, retirando uma chave do bolso de seu avental e adiantando-se até o prisioneiro.

Soltou-lhe o cruel capacete, depois lhe iluminou o rosto. A pele enrugada e gretada cobria-se de feridas pútridas e nauseantes.

Rocco conteve-se para não vomitar. Ainda assim, encarou o velho, tomando a lanterna ao enfermeiro. Iluminou o próprio rosto.

— Três homens estão mortos. O que isso quer dizer?

— Que a hora é chegada — murmurou o velho, antes de escarrar em pleno rosto do policial.

A massa gosmenta desceu-lhe por sobre o nariz e foi se acumular ao canto de sua boca.

Rocco cuspiu-a, enojado. O velho começou a rir.

— quando chegar a hora, eu saio daqui, não importa o que façam, Rocco — declarou, gargalhando satanicamente.

Rocco se pôs em pé. O enfermeiro apanhou a máscara de ferro para cobrir a cabeça do velho, mas este girou o corpo, rolando pelo chão imundo.

— Abbadon! — berrou e sua voz soou como um trovão pelos corredores do hospício.

Por um instante, apenas o eco respondeu, até silenciar-se. Depois, rugindo como o ruído de uma tempestade violenta, um coro de vozes alteradas engrossou-se, abalando as paredes, enlouquecendo o enfermeiro, que golpeou a cabeça do velho com o objeto de ferro em suas mãos.

Rocco levou as mãos ao ouvidos, tentando fugir àquele ruído infernal. Um bando de enfermeiros surgiu no pavilhão, alguns munidos de longos cassetetes que introduziam pelas frestas das grades e golpeavam os loucos.

— Pare! Pare! Pare! — suplicou o enfermeiro, erguendo mais uma vez o braço para golpear impiedosamente o velho.

Rocco estendeu o braço e aparou o golpe, tomando-lhe a máscara e atirando-a para longe. O velho, a seus pés, gargalhou e sua voz voltou a ecoar pelos corredores, sobrepujando o terrível alarido.

— Abbadon! Filhos das trevas, Abbadon!

Rocco correu para a porta, mas o corredor lhe parecia realmente um canto do próprio inferno, tamanha a loucura e crueldade com que se deparava.

Um enfermeiro fora puxado para junto das grades e mãos possuídas rasgavam-lhe as carnes, em meio a gritos alucinantes.

— Rocco! Quando eu sair, você me pagará, meu filho! — berrou o velho, antes que o enfermeiro o fizesse calar com um pontapé.

— Não, pai! — urrou o policial, correndo alucinado pelo corredor, enlouquecido.

## CAPÍTULO 5

— Eu me sinto tão fraca ainda — murmurou a voz doce e feminina.

— Não se preocupe, estará forte em breve. Vou conseguir-lhe alimento. Venha comigo, Daura!

\*\*\*

O carabineiro passou pelo beco e julgou ter visto uma sombra se mover ao fundo. Estacou. Sua mão procurou a arma. Com os recentes crimes, era sempre bom estar preparado.

Avançou passo a passo, a lanterna iluminando as paredes de tijolos descobertos. Uma das mãos repousava na coronha da arma, pronta para sacá-la.

Tudo era silêncio, porém. Repentinamente, uma respiração pesada bateu contra sua nuca e ele se voltou num sobressalto, já de arma em punho.

Dedos frios e fortes seguraram seu pulso, apertando com tanta violência que a arma pendeu e caiu inútil. A lanterna escorregou da outra e ficou no chão, iluminando um par de pés femininos e torneados.

O carabineiro tentou gritar, mas aquele odor de morte e putrefação, diante de seu nariz, engasgou-o. Uma de suas mãos foi solta, mas os dedos fortes se concentraram em sua garganta, erguendo-o do solo.

Ele socou, então, com forças do desespero, golpeando aquele vulto assustador diante de si. Chutou-o, debatendo-se, mas mal abalava aquela sinistra figura.

Drácula rugiu, então, arremessando-o contra a parede. O carabineiro gemeu, caindo grotescamente. Tentou se levantar, mas uma das pernas parecia quebrada e suas costelas doíam horripelantemente.

Apoiado precariamente à parede, viu o vulto se aproximar novamente.

— Deus! — soluçou, antes de um jato de sangue espirrar de sua boca e ele sentir que suas vísceras eram expelidas.

O cheiro daquele sangue espicaçou as narinas de Daura, que se dilataram. Ela rosnou gravemente e avançou. Drácula afastou-se para lhe dar passagem.

Sentiu apenas um corpo frio de mulher encostar-se nele e braços apressados rodearem seu corpo. Depois, aquela respiração pesada martelou seu pescoço. Lábios gélidos se colaram em sua pele. Um rosnar de animal se antecipou à mordida feroz que aguilhoou—o, dilacerando suas carnes.

— Não! — urrou debilmente, percebendo o que se passava.

A mulher sugava o sangue que brotava de seu pescoço, enquanto rosnava e se contorcia num êxtase macabro.

Drácula aguardou com impaciência até que a última gota deixasse aquele corpo. Daura se ergueu, finalmente. Seus olhos haviam ganho vida e brilho, apesar de, ainda injetados, refletirem laivos de fogo do inferno.

Um casal passou diante do beco, andou mais alguns passos, depois retornou, protegendo-se nas sombras. Ambos pareciam excitados e apressados. Mal se viram ocultos de olhares reprovadores entregaram-se às mais loucas carícias.

Drácula e sua companheira se entreolharam, sorrindo com satisfação e apetite. Após o banquete, Daura se sentira outra, rejuvenescida e bela como jamais fora.

O casal macabro avançou pelo beco, que não traiu seus passos leves, mas ameaçadores. Sons obscenos, de respirações apressadas, de fechos soltando-se, de corpos entrechocando-se dominaram o beco, silenciando repentinamente.

A mão firme de Drácula segurou o pescoço do homem e girou-o num estalo desagradável. O corpo escorregou para o chão e Daura se atirou



sobre ele, resfolegando animaisicamente, cravando de imediato suas presas afiadas no pescoço retorcido.

A mulher ficou encostada à parede, sem entender aquele súbito e violento ataque. Seus olhos se fixaram nos olhos do Drácula que brilhavam fantasticamente dominando-a.

Nenhum grito escapou de sua garganta, apesar do terror que comprimia seu peito. Aquele hálito fétido e frio avançou para ele. Mãos bruscas devassaram seu corpo, rasgando-lhe as vestes, arranhando-lhe a pele.

O cheiro de sangue enlouqueceu Drácula, que se apertou contra ela e lhe cravou os dentes malditos. A mulher jamais compreendia a monstruosidade que lhe tirava a vida.

O silêncio voltou ao beco, mas suas paredes jamais se esqueceriam daquela tragédia.

Drácula reuniu os corpos ao fundo do beco. Olhou-os com desprezo. Havia algo que precisava ser feito e Torg não se encontrava disponível para aquilo.

A idéia de ir se acostumando a viver sem o corcunda tentava Drácula. Atrás dele, Daura observava curiosa o que o príncipe do Mal pretendia, compreendeu, afinal, como se a maldição do Drácula a fizesse compartilhar de todos os segredos dos seres malditos da noite.

— Vai destruí-los?

— Sim. Ainda não é chegado o tempo de espalhar minhas legiões sobre a face desta Terra maldita — rosnou o vampiro.

Suas unhas se aguçaram como garras e peitos foram abertos violentamente. Corações foram retirados e jogados num canto onde jamais seriam encontrados e apodreceriam, roídos pelas ratazanas e pelos vermes.

Findo o trabalho macabro. Drácula enlaçou Daura. Seus corpos se roçaram e um desejo mórbido nasceu. O príncipe das Trevas sorriu, sentindo-se forte e poderoso novamente.

\*\*\*

Qualquer coisa nova se agitava no peito de Suzanah, desfalecendo aquela confusão estranha e fazendo-a se sentir mulher como sempre desejara ser.

Aprontou-se cuidadosamente. Usou seu melhor vestido e até arriscou um pouco de maquiagem. Quando Freddy chegou, finalmente, ela já estava impaciente ante a expectativa de ler nos olhos dele uma aprovação.

Ao abrir a porta e encara-lo, sentiu-se recompensada. Ele a olhou longamente, surpreso com a beleza que se rivalizava com a de Vanessa.

Depois, pareceu hesitante e envergonhado. Suzanah não entendeu aquela estranha reação.

— Estou pronta! — disse.

— Quer sair comigo? — indagou ele, pateticamente.

— Claro que sim — concordou ela, alegremente.

Freddy mordeu os lábios e esperou que ela fechasse a porta para oferecer-lhe o braço. Desceram para o saguão. Os próprios camareiros a olharam com incredulidade. Suzanah estava irreconhecível em sua beleza.

À porta, porém, um deles a olhava surpreso, como se pressentisse qualquer coisa errado no ar. Permaneceu calado, no entanto, observando-os rumarem para o estacionamento do hotel...

Freddy abriu cavalheirescamente a porta e esperou que ela se acomodasse. Depois contornou o veículo. Antes de abrir a porta e sentar-se ao volante, olhou ao seu redor.

Em seu rosto havia algo que Suzanah jamais poderia esperar. O rapaz engoliu em seco. Depois se sentou, observando-a. Parecia inquieto e nervoso. Suzanah alegrou-se inteiramente com aquilo.

Nada mais era, para ela, que a prova de que o surpreendera, tirando-o da pose de conquistador para prostrá-lo a seus pés como um gatinho manso.

Aquela sensação a encheu de orgulho. Nem se deu conta de que o braço dele passava pelo assento, pairando sobre seus ombros.

— Suzannah, eu... — gaguejou ele, hesitante.

— Algo errado, Freddy? — indagou ela, encarando-o.

Ele pigarreou, depois olhou nervosamente para os lados.

— Não, é que... Você me fascinou — disse e sua voz ganhou um acento ardente e inesperado para ela.

Atrevidamente seu braço pousou sobre os ombros de Suzannah e uma das mãos introduziu-se pela barra de seu vestido, buscando com impaciência suas coxas mornas e torneadas.

— Freddy! — exclamou ela, mas seu protesto foi sufocado pelos lábios ávidos e gulosos do rapaz, cobrindo os seus e sugando-os desajeitadamente.

Suzannah sentiu o gosto de sangue em sua boca, mas não teve de fazer mais nada. Luzes se acenderam ao seu redor e gargalhadas zombeteiras se ouviram.

Freddy soltou-a e abriu a porta, descendo rapidamente e desaparecendo em meio aos faróis ofuscante.

Suzannah saltou também, girando ao redor de si, tentando compreender aquela brincadeira. Acima dos risos, ouviu claramente a voz indesejável de Vanessa, zombando dela.

Algo quente e maligno agitou-se em seu peito. Seu corpo se retesou e seus olhos chamejaram incrivelmente. Ela estremeceu, sentindo que seu ódio saltava por todos seus poros.

Ruídos de vidros quebrados, então, anteciparam a fuga gradativa daquela claridade ofuscante. Um a um os faróis dos carros ofuscaram, até que restassem apenas a escuridão e o silêncio.

O vento começou a soprar forte e macabramente, levantando uma nuvem de poeira.

— Ei, pessoal! Vamos dar o fora daqui! — gritou alguém e todos saltaram para o interior dos carros.

Os olhos de Suzanah se esgazearam, refletindo o seu ódio e um poder que se revelava.

Gritos de dor e de angústia se levantaram, quando os pára-brisas estouraram e cacos de vidro dilaceraram rostos e corpos, num mar de sangue.

Jovens ensangüentados deixaram os carros, chocando-se numa fuga confusa e apavorada. No centro deles Suzanah ria, procurando por Freddy.

Viu-o rastejar em sua direção, cego pelos estilhaços de vidro. As palavras da velha, naquela tarde vieram a sua mente.

Era preciso um sacrifício humano. Suzanah estava disposta a proporcionar dois. Não precisava pensar para descobrir de quem fora a infeliz idéia para aquela brincadeira mórbida.

Seu olhar localizou Vanessa parada diante de um espelho retrovisor, tentando ver o que restara de seu belo rosto. Algo dentro de Suzanah pediu vingança e concordou com o pacto.

As pessoas que chegavam não entenderam o que se passavam. Viram apenas o corpo de Vanessa sendo arremessado para trás, até a cerca de ferros pontiagudos que a transpassou.

Depois, incrédulos e impotentes, viram o corpo de Freddy rolar para baixo de um carro e, inexplicavelmente, passar sob uma das rodas, imobilizando-se depois, estrebuchando grotescamente e expelindo sangue pela boca escancarada.

Um silêncio pesado e opressivo caiu, então, sobre o estacionamento do luxuoso hotel, sendo quebrado apenas pelos passos leves de Suzanah afastando-se.

\*\*\*

Uma careta de dor transformou o rosto deformado do corcunda numa máscara horrenda. Ele fechou a mão com firmeza e deixou que o sangue escorregasse para a tigela depositada sobre a mesa.

Quando a encheu, apanhou um trapo e envolveu o pulso ferido. Sabia que teria de mudar seus métodos e conseguir alimento de outra forma, mas era fundamental que a primeira vez fosse daquela maneira.

Com seu sangue no corpo de Nara, ela, reconhecia, o aceitaria como companheiro. O casamento macabro estava preste a se consumir.

Com a tigela na mão, Torg desceu para o calabouço e caminhou cuidadosamente por corredores frios e úmidos, evitando que uma gota fosse desperdiçada.

Chegou à porta da cela. Havia uma abertura à altura de seus olhos. Torg girou o trinco e tentou localizar o esquite. Viu-o aberto e alegrou-se.

No momento seguinte, um rosto furioso postou-se em frente ao dele e Nara rugiu esfomeada, espicaçada pelo cheiro de sangue.

Torg recuou por instantes, fitando-a. A maldição se fizera presente naquele olhar sem brilho e naquelas presas pontiagudas que cobriam o lábio inferior da garota.

— Amigos! — rosnou o corcunda, erguendo a tecelã de sangue à altura da abertura.

A mão da garota avançou rapidamente, buscando-a, mas Torg se retraiu a tempo.

— Amigos! — voltou a dizer, observando o rosto crispado pelo apetite macabro.

— Pelo sangue do demônio! — blasfemou ela, rugindo e forçando a porta.

Torg sabia da força descomunal de um vampiro, mas sabia também que aquela porta não cederia com facilidade. Seu olhar procurou o dela fixando-se nele.

A garota estremeceu e arreganhou a boca, como se a hostilizasse. Torg afastou a tecelã de sangue, dando a entender que não a alimentaria.

— Não! — gritou ela, estendendo o braço.

— Amigos? — indagou.

— Sim, mas dê-me isso, diabos! — suplicou ela, a voz alterada.

Torg se aproximou e entregou-lhe a tecelã que ela levou sofregamente aos lábios, bebendo prazerosamente. Quando terminou, limpou a boca lambuzada nas costas da mão e fez um gesto de atirar a tecelã fora.

Estacou, porém, depois olhou o corcunda como se compreendesse algo. Estendeu a tecelã e sorriu macabramente. Torg suspirou, percebendo que ela entendera sua intenção.

Avançou para apanhar o recipiente. A garota agarrou sua mão e puxou-a com violência, procurando mordê-la. Torg teve de usar de toda sua força para se livrar antes que ela lhe cravasse as presas mortíferas.

— Maldita! — rugiu. — Faça isso de novo e jamais terá alimento. Se me destruir, morrerá nesse local maldito ou vegetará com o sangue das ratazanas que infestaram essa casa.

A garota ofegou e seu rosto se acalmou, percebendo o que ele queria dizer.

— Amigos? — indagou, estendendo a mão.

Torg hesitou, depois resolutamente, aceitou.

## CAPÍTULO 6

Batidas leves, quase imperceptíveis, na porta, fizeram-na deixar aquela espécie de transe e se levantar. Foi até lá e abriu lentamente.

Quatro pares de olhos assustadores encararam-na por instantes, antes de passarem por ela silenciosamente, como sombras.

Avançaram até a mesa de cabeceira e ali depositaram uma pesada caixa de metal, que intrigou a garota tanto quanto a presença daquelas estranhas pessoas.

Aproximou-se deles. Um a um ergueram as mangas dos casacos e exibiram sinais negros, mas diferentes daquele que havia no pulso de Suzanah.

— Quem são vocês?

— Somos discípulos do Clã do Morcego — disse um deles — Você é nossa sacerdotisa, a rainha das feiticeiras, a poderosa. Aqui encontrara o necessário para seu batismo. Depois, reinara sobre nós e batizará as outras.

Tão silenciosos como haviam entrado, eles saíram, deixando aquela estranha caixa. Suzanah abriu-a. Havia um convite para a Grande Festa Medieval e roupas adequadas.

Ela retirou o pesado vestido, ricamente adornado com símbolos cabalísticos bordados a ouro e prata e preciosas rendas debruando todo o tecido acetinado.

Ergueu-o diante de si e caminhou até o espelho. A porta do quarto se abriu violentamente. O rosto pálido de Amos Gantry encarou-a. Ao perceber o vestido, toda a sua expressão se alterou violentamente.

— Eu sabia! Eu sabia! — repetiu, possesso — Você é como sua mãe. Cedo ou tarde acabaria se entregando ao demônio. Eu sabia, eu tentei de tudo para evitá-lo, mas estava em seu sangue maldito. Você destruiu Vanessa, você vai me destruir. Antes que isso aconteça, porém, vou

devolvê-la ao lugar de onde jamais deveria ter saído — urrou e, exibindo um longo punhal em seu punho crispado.

Avançou para Suzanah, que se retraiu. Seu olhar refletiu o ódio que havia no olhar do pai. Este estacou como se houvesse batido numa parede invisível.

— Por Deus, eu a destruirei — rugiu o homem, empunhando um rosário e agitando-o diante da garota.

De alguma parte dentro de si, Suzanah pressentiu um perigo ainda desconhecido e reagiu prontamente. Seus olhos se esgazearam e um riso macabro estampou-se em seus lábios.

— Não! — exclamou o homem recuando.

— Não — gritou horrivelmente e alguma pessoas surgiram à porta.

Jamais puderam entender o que houve. Com um grito desumano explodindo de seu peito, Amos Gantry correu, atravessando o aposento e se jogando contra a vidraça, num mar de estilhaços prateados que refletiu o brilho da lua.

Um momento de silêncio, depois o baque agonizado e surdo lá embaixo, no cimento frio. Suzanah se sentiu como se uma tensão violenta e má deixasse seu corpo, fazendo-a se relaxar deliciosamente.

— Pobre garota! — murmurou alguém, enquanto alguns, passada a perplexidade do momento, corriam até a janela observar o corpo estatelado de Amos Gantry.

\*\*\*

Quando Rocco chegou em seu gabinete, naquele dia, Cármine o esperava com certa apreensão. Ao observar o superior, entendeu logo onde estivera Rocco durante o dia inteiro.

Fora um dia agitado para o departamento com uma série de acontecimentos inexplicáveis. Cármine esperou Rocco tomar o café e sentar-se. Trocaram um olhar.



Rocco esfregou os olhos. Simplesmente apagara-se por dia, trancado em seu apartamento, isolado do mundo, embriagando-se até a inconsciência.

Desde que visitara seu pai, aquela tensão angustiante se acentuara dentro dele. Era seu estigma, sua maldição. Seu pai era um feiticeiro, e pior deles. A única forma de afastá-lo do mundo fora aquela, trancando-o num asilo de loucos irrecuperáveis.

Doera-lhe fazer aquilo, mas queria que o mundo jamais soubesse que ele, um eficiente policial, era filho de um bruxo.

Os poderes de seu pai eram inquestionáveis e maléficos. Rocco presenciara muitas cenas de violência e magia negra, de orgias infernais. Todas essas imagens ainda viviam em sua mente, torturando-o.

Seu desejo era acabar com aquela gente toda que usava o mal gratuitamente. Comparados a esses, os assassinos mais perversos e traiçoeiros eram como garotos brincando de mocinho e bandido.

Poucos sabiam daquele segredo porque poucos acreditariam. Bruxos e feiticeiros haviam passado para a categoria de mitos e lendas inofensivas, mas ainda existiam, vivendo nos subterrâneos do mundo, preparando maléficos.

A grande festa Medieval era o ponto de partida. Sabia que daí se iniciaria uma série de rituais que precisavam ser impedidos.

Anos após anos ele esperava. Sabia, agora, que aqueles seres fantásticos voltariam e se reuniriam. Precisava estar preparado para destruí-los, então.

Apanhou as pastas diante de si, mas as letras embaralhavam diante de seus olhos cansados.

— O que temos aqui? — indagou e sua voz traía a violenta ressaca que o indispunha.

— Aconteceu antes de ontem, à noite. Você sumiu ontem...

O olhar severo de Rocco cortou o comentário. Cármine apanhou as pastas. Abriu a primeira delas.

— Aconteceu no pátio de estacionamento do hotel Júlio César. As declarações são confusas... Tudo começou numa brincadeira e acabou numa tragédia. Vinte pessoas hospitalizadas com ferimentos, três morreram...

— A causa? — pediu Rocco, atento.

— Não se sabe. Os pára-brisas estouraram... Alguns dizem que foi o vento, os galhos das árvores... É difícil decifrar essas declarações... Leia você mesmo.

Rocco apanhou as pastas e firmou os olhos. Todos aqueles acontecimentos fantásticos e inacreditáveis aos homens comuns não o surpreenderam.

Era apenas um sinal. Um sinal de que tudo começava a acontecer. Leu a outra pasta. Um homem se atirou de uma janela, perturbado pelo que aconteceu à filha no estacionamento.

Sua mente preparada par aqueles acontecimentos concentrou-se num só nome Suzannah Gantry, a vítima da brincadeira que reunira os jovens no estabelecimento e a filha do homem que se atirara da janela.

Não havia dúvidas. Ela era uma das feiticeiras. Ergueu-se rapidamente.

— Aonde vai? — indagou Cármine, sem obter resposta.

\*\*\*

A noite chegara e um clima opressivo pairava sobre a cidade, penetrando os espíritos e provocando uma angustia desconhecida.

Nos becos e vielas escuras, as ratazanas se agitavam. Nos nichos das ruínas, morcegos guinchavam, ganhando a noite em busca de alimento. Vermes revolviam a terra. Insetos esvoaçavam ao redor das lâmpadas, num

vôo cego e suicida. Animais se inquietavam nos estábulos. A sensibilidade vinha à flor da pele.

No céu, lentamente, a lua cheia se impôs, inquietando os loucos nos asilos, agitando o sangue dos criminosos, perturbando a libido das prostitutas.

Os seres da noite pressentiam a tormenta do mal que se formava, mas, num enorme casarão no centro da cidade, não muito longe das imponentes ruínas do Coliseu, as luzes acesas reforçavam um clima de festa e encantamento.

Carruagens antigas surgiam pela rua, com cavalos inquietos e passageiros apressados. Porteiros de longas e antigas casacas se dobravam em mesuras e cumprimentos.

Roupas luxuosas faiscavam pedrarias e fios de ouro e prata. Cabeleiras empoadas e perfumes exóticos iam se reunindo no amplo salão, ao som da orquestra da câmara, arrancando preciosas melodias de seus instrumentos gastos pelo tempo.

Longe dali, num quarto antigo, velhas dobradiças rangeram quando uma porta se abriu. A luz dos archotes e braseiros iluminou o vulto pálido e belo que surgiu diante do Conde Vlad Drácula, o último descendente de uma estirpe secular.

Ele sorriu extasiado diante da beleza de Daura, realçada por um longo e luxuoso vestido, generoso no decote que expunha o vale pálido de seus seios rijos e tentadores.

Já não era o corpo humano que um dia caminhara pela terra. A maldição e a vontade de Drácula a haviam tornado numa mulher idealizada, de longos cabelos louros e olhos faiscantes.

Seu fascínio era poderoso, sua beleza se impunha como se um magnetismo sobrenatural transbordasse de sua pele clara.

O coxear de Torg quebrou aquele instante de encantamento e fez o vampiro se voltar furioso para ele.

— Os convites, mestre — disse ele, com humanidade.

Drácula arrebatou-o da mão nodosa do corcunda, depois se voltou para Daura.

— Mestre — chamou-o Torg.

— Fale, inútil — ordenou o conde, sem olhá-lo.

— Eu posso ir à festa também? Há convites de sobra e...

— Jamais! — disse Drácula, encarando-o. — Sua presença provocaria repulsa e chocaria a beleza de Daura. Você é repugnante, Torg, assustaria meus seguidores.

— Seus seguidores, mestre? — estranhou o corcunda.

— Sim, meus seguidores. Há um século eles aguardam pela minha presença e vou satisfazê-los afinal.

— Como sabia que iria encontra-los aqui, em Roma e...

Uma gargalhada zombeteira ecoou pelas paredes frias e enegrecidas.

— Tolo! Eu sei... Nada há que o Príncipe das Trevas não saiba!

\*\*\*

O furgão negro estava parado num beco, não muito longe de um ruidoso cabaré. Em seu interior, Torg aguardava, enquanto seus pensamentos se tornavam pura preocupação.

Alguma coisa precisava ser feita para que seus laços com Drácula não fossem rompidos. Se isso acontecesse, Torg estava certo de que seria exterminado.

Um vulto de mulher deixou o cabaré e avançou pela rua. Torg se pôs em alerta, descendo em seguida e indo se postar num ponto estratégico do beco, observando.

A jovem caminhava, cantarolando. Era o que Torg precisava. Quando ela se aproximou, o corcunda estendeu a mão e segurou-a pelo braço, puxando-a com violência.

— O que pensa que está... — ia indagar ela, mas Torg não lhe deu tempo.

Segurando-a pelos cabelos, arremessou-a contra a parede. Um gemido de dor se seguiu ao baque e o corpo deslizou pesadamente para o chão.

Torg arrastou-a até a porta traseira, abriu-a e atirou lá dentro o corpo desfalecido da prostituta. Depois tomou seu lugar ao volante e partiu velozmente.

\*\*\*

Rocco encaixou o último recipiente na parede, deixando o pavio por entre as frestas das pedras que empilhou, tapando o buraco. Havia trabalhado febrilmente, mas tudo estava terminado, afinal. Quando chegasse o momento, acenderiam os estopins e o fogo purificaria aquele lugar de maldição.

Estava febril e confuso, agora, olhando ao seu redor na escuridão do aposento. As pilhas de sua lanterna haviam se esgotado, mas não havia medo dentro dele. Apenas uma mórbida e tenaz decisão.

Precisava agora encontrar um bom esconderijo e aguardar a chegada dos malditos. Poderia ser sua própria destruição. Isso agora não importava. Depois de conviver a vida toda com aquele estigma, era justo morrer com ele.

Seu cérebro tresloucado pelos últimos acontecimentos, que haviam rompido em definitivo o dique que o mantinha racional, apenas se prendia ao término de sua missão.

Tivera de esperar muito, mas tudo isso em breve se acabaria. Não mais veria seu pai, acorrentado e amaldiçoado, blasfemar contra Deus e contra a humanidade.

Tudo seria reduzido a cinza.

Caminhou pela escuridão. Resvalou num objeto metálico e sólido, indo ao chão com uma imprecação. Apertou os olhos com firmeza e, ao abri-los, havia luz no porão imundo.

Ratazanas correram, assustadas. Morcegos esvoaçaram. Aranhas enormes e peludas fizeram oscilar suas teias. O policial se pôs em pé num salto. Ao seu redor, os archotes fétidos estavam acesos e a fumaça nauseante acumulava-se nas pedras da parede.

Girou o corpo, confuso, olhando ao seu redor. Teria desmaiado?

Um cheiro de morte e podridão chegou a suas narinas, horrorizando-o. Ele se voltou e um rosto coberto de pústulas encarou-o.

— Eu disse que viria, filho! — falou seu pai, começando a gargalhar.

Rocco cambaleou, olhando aquele vulto maltratado e assustador. Sombras se moveram na enorme caverna e rostos sem expressão encararam-no.

Depois, suas gargalhadas se uniram às do velho, explodindo aos ouvidos do policial, confundindo-o, alucinando-o. Os olhos do velho injetaram-se e suas mãos crispadas se estenderam na direção de Rocco.

Ele girou o corpo uma vez, depois outra e continuou girando vertiginosamente como um pião humano comandado pelo poder do sobrenatural.

A caverna girava ao seu redor como um louco carrossel. Seu corpo ameaçava arrebentar-se ante a velocidade e à pressão.

— Não! — urrou ele, tentando encontrar apoio, tentando vencer inutilmente aquela força que o fazia girar incessantemente.

Um de seus olhos saltou. Jatos gosmentos subiram por sua garganta e se espalharam contra as paredes. Suas roupas se dilaceravam.

Tentava balbuciar alguma coisa, mas sua língua se estendeu como uma gravata absurda saindo de sua boca.

Então tudo cessou, quando seu corpo foi arremessado contra a parede e ele sentiu que todos os ossos de seu corpo eram moídos pela violência do impacto.

Ficou gemendo debilmente, enquanto as sombras se aproximavam, lideradas pelo velho.

Rocco levou uma das mãos ao rosto. Um de seus olhos pendia da órbita vazia e ensangüentada, preso por nervos e músculos. Um jato de sangue o fez tossir e engasgar. Ele levantou o rosto para o pai.

— Ainda há tempo, Rocco! Aceite — falou o feiticeiro.

— Jamais! Eu abomino todos vocês. Eu desejo que o inferno os leve e os mantenha lá para todo o sempre — gritou com as forças que tinha.

Um coro zombeteiro de gargalhadas respondeu sua praga e ele tombou, respirando com dificuldade, percebendo que seu corpo fugia ao seu comando e que a inconsciência da morte se aproximava celeremente.

Olhou um dos pavios não muito longe de si. Bastaria acendê-lo e tudo viraria um inferno de chamas. Compreendeu que fora um trabalho inútil. Toda sua vida dedicada àquela missão fora inútil.

Era derrotado e o mal subsistiria. Nada poderia ser mais trágico e cruel para ele naquele momento de agonia.

— Aceite, Rocco! — berrou, expelindo sangue.

— Lembranças a Satã, filho — disse o velho erguendo-se, depositando o pé sobre o pescoço de Rocco e pressionando.

## CAPÍTULO 7

A garota suplicava, enquanto era arrastada pelos corredores escuros e úmidos.

O terror se refletia em seu rosto, alterando-o e transformando-o numa máscara indescritível. Seus gritos lancinantes ecoavam nas pedras frias e morriam como o lamento de um moribundo.

Torg apenas ria, enquanto pensava na satisfação de Nara ao receber aquele precioso petisco. Saciada, poderiam conversar, caso seu plano tivesse sucesso e ela o obedecesse, assim como as vítimas de Drácula o atendiam.

Estava impaciente pelo momento. Chegando diante da cela escura, atirou a garota para um canto e acendeu alguns archotes.

A jovem prostituta se ergue, fitando o rosto pálido e transfigurado que a encarava na abertura da porta. Gritou a plenos pulmões, mas nada poderia salvar sua pobre vida.

Torg a agarrou pelo pescoço e a trouxe para junto da porta. Encarou Nara e sorriu. Um sorriso macabro de dentes longos e pontiagudos correspondeu-o.

Satisfeito, introduziu a chave na fechadura e girou-a. Empurrou a porta. Nara rosnou ferozmente, sentindo o cheiro de sangue fresco no ar. Suas narinas se dilatavam como as de uma fera faminta. Seus olhos luziram esbranquiçados e seus dentes refletiam o fogo dos archotes.

— Amigos? — indagou Torg, enquanto empurrava a prostituta para o interior da cela.

— Amigos! — respondeu Nara, estendendo as mãos de longas e pontiagudas unhas e agarrando a outra pelo braço.

Puxou-a para junto de si. A jovem se debateu, mas a força descomunal da mulher-vampiro a subjugou. Esperneou, então, mas foi inútil.



A boca gelada e ávida de Nara Coletto buscou o pescoço estraçalhando-o, arrancando pedaços de pele e carne até que o sangue jorrasse com abundância.

Ela colou, então, a boca à ferida e sugou esganadamente, estremeando, enquanto a outra estertorava. Diante da porta, Torg acompanhava a cena fascinado e excitado.

\*\*\*

A nata da sociedade romana e ricos turistas circulavam pelo amplo salão, exibindo os trajes mais requintados e luxuosos.

Garçons de longas casacas serviam ponche e champanhe. A orquestra não parava. No jardim, olhando fixamente a lua cheia, um grupo de pessoas aguardava.

Como se um pressentimento os tocasse ao mesmo tempo, eles se voltaram. À porta, majestoso e impressionante, estava Drácula e sua companheira.

Um murmúrio percorreu a sala e todos admiraram o casal que avançou resoluto na direção do jardim. Um menestrel subiu ao palco e todas as atenções se voltaram para ele.

O conde infernal caminhou com sua companhia até o jardim. Olhos respeitosos o encararam.

— Esperamos, mestre — disse um bruxo vestido de rufião.

— Eu sempre soube — sorriu o conde.

Uma garota avançou. Seu vestido farfalhou suavemente. O luar derramou-se com generosidade e beleza sobre seus cabelos negros e compridos. Seus olhos fitaram demoradamente o príncipe do mal.

— Sou Suzanah! — disse ela.

— Sou Vlad Drácula! — respondeu ele, fascinado pela beleza agressiva daquele rosto e pela profundidade misteriosa daquele olhar.

— Por aqui... Mestre — falou ela, apontando um ponto qualquer do jardim.

Drácula estremeceu, então. Havia algo de desafiador no tom da voz daquela mulher. Ela deveria ser submissa e jamais poderia tê-lo encarado daquela forma.

Sorriu, então, imaginando que boa companheira ela seria. Imaginou um gênio forte e indomável e uma vontade férrea de ascender...

Caminhou, então, na direção apontada. Atrás deles, como num cortejo, homens e mulheres o seguiam. Passaram por uma alameda, afastando-se do castelo e da música.

Foram até uma gruta de pedras desiguais e penetraram através de um portão de ferro antigo. Archotes foram acesos, iluminando uma escadaria que descia para as profundezas da terra.

Um odor de umidade chegou a suas narinas enquanto avançavam, passando por algumas salas com tumbas entalhadas na pedra.

Uma ampla caverna se expôs diante deles. Archotes prendiam-se às paredes de estruturas de metal trabalhado. Braseiros aqueciam-na da umidade, espalhados por todos os cantos.

À frente, diante de uma inscrição arcaica, pairava um altar profano. A seu lado, sobre uma fogueira, pairava um caldeirão com uma estranha mistura.

Quando seus passos soaram pela caverna, um carneiro branco se agitou, tentando se libertar da corda que o prendia ao altar.

Sobre aquelas pedras enegrecidas e manchadas por sangue humano, estava um rico punhal, trabalhado em ouro e encimado por uma cabeça de morcego esculpida numa autentica pérola negra.

O alto de um crânio fora serrado e incrustado num pedestal de ouro maciço. O bruxo-rufião adiantou-se. Os outros postaram-se ao longo das

paredes. Suzanah e outras três garotas ficaram logo atrás de Drácula e Daura, que abriram caminho para que elas avançassem até o altar.

O bruxo foi até o caldeirão e mexeu-o com uma colher trabalhada numa tíbia humana. Provou um pouco da mistura repelente e estalou a língua com satisfação.

— Abbadon, filhos das trevas! — murmurou, e um coro sinistro entoou uma ladainha grave e compassada como o galopar de um animal.

— Que a cerimônia tenha início — disse o príncipe do Mal.

— O Clã do Morcego se reúne, após um longo tempo. Que se aproxime a nossa rainha — disse.

Suzanah adiantou-se. O bruxo ungiu-os com uma mistura repelente de fezes e vísceras de animais depois a fez ajoelhar-se de costas para o altar.

As narinas de Drácula se dilataram, percebendo a beleza fascinante daquela feiticeira. A seqüência do ritual prometia prazeres memoráveis.

O bruxo fez um gesto e um homem avançou, trazendo consigo a companheira. Duas tigelas fora depositadas diante do altar. Homem e mulher urinaram ali. O bruxo tomou o líquido e despejou-o no caldeirão fumegante.

Depois, o mesmo casal adiantou-se e agarrou o pesado carneiro pelas patas. O animal baliu e se debateu, enquanto era levado para cima do caldeirão.

O bruxo segurou firme o punhal e num gesto violento decepou a cabeça do animal. O sangue jorrou para o interior do caldeirão.

A ladainha tornou-se mais rápida, ecoando pelas paredes como o martelar das ondas nos rochedos. O bruxo manteve em suas mãos a cabeça do carneiro, indo depositá-la sobre o altar.

Depois avivou o fogo sob o caldeirão e aguardou com impaciência. Ajoelhada Suzanah não tirava os olhos da figura poderosa e impressionante de Drácula.

Podia sentir em seu corpo o poder que emanava daquele homem. Seus olhares se cruzaram. Drácula riu.

— A rainha receberá seu batismo agora — disse o bruxo e duas mulheres se aproximaram de Suzanah, começando a despi-la.

Seu pescoço alvo e torneado exibiu-se aos olhos extasiados de Drácula. Depois os seios rijos e empinados, o ventre achatado, o triângulo sedoso e provocante.

Suzanah tombou para frente, então, numa grotesca posição, com a cabeça baixa e as nádegas erguidas. Um dos homens avançou, destacando-se dos outros junto da parede. Vestia apenas um manto e seu membro em riste traía uma excitação selvagem.

Ele se postou atrás de Suzanah, depois ajoelhou-se. Suas mãos firmaram-se nas ancas da garota e, após alguns movimentos de corpo, ele a trouxe para junto de si.

Suzanah gemeu, sentindo-se rasgar. A cantilena tornou-se mais rápida ainda, entremeada de gritos e suspiros de gozos. O bruxo tomou a taça feita com um crânio humano e encheu-a com a mistura nojenta que borbulhava no caldeirão.

Aproximou-se de Suzanah, que estremecia aos golpes rápidos do homem que a retinha pelas ancas. O bruxo estendeu o recipiente.

Os olhos de Suzanah esgazearam-se. Ela tomou a mistura e levou-a aos lábios. Um grito de dor e prazer escapou de sua boca, quando engoliu o primeiro gole.

\*\*\*

Torg olhou aqueles lábios deformados e cobertos de sangue, depois sorriu. Nara ergueu a cabeça, ainda ofegante. O corpo pálido da prostituta jazia estendido no piso frio.

— Venha — ordenou Torg, mas a garota não o ouviu.

Seu olhar baixou para o corpo a seus pés.

Num movimento rápido, suas mãos rasgaram as roupas do cadáver, desnudando-lhe os seios.

Atônito Torg não entendeu o que ela pretendia.

— Venha! — insistiu, mas ela rosnou e suas unhas penetraram as carnes da outra, arrancando-lhe o coração.

Torg estremeceu quando a viu levar aquele coração à boca e mascá-lo gulosamente.

— Não! — grunhiu o corcunda, percebendo.

Seu sangue, mesclado à maldição de Drácula, produzia um ser híbrido, mistura de vampiro e papa-cadáver. Conservava o apetite por sangue, mas necessitava também de corações humanos para completar sua refeição.

— Amigos! — murmurou ela, sangue e saliva escorrendo de seu queixo.

Torg a encarou, depois riu. Por que não? Tinha uma companheira graças a Drácula, mas ela era única, identificava também com ele, Torg.

— Amigos! — respondeu, estendendo-lhe a mão.

Conduziu-a pelo corredor até a antiga sala de tortura. Ali estacaram. O fogo dos archotes jogava nas paredes suas sombras macabras.

Torg riu, gargalhou, tomando-a nos braços e apertando-a. Queria senti-la, tocar suas carnes frias, desnudá-la, devassá-la com seu desejo mais ardente.

Faria aquela pele se aquecer com as carícias mais lascivas e degeneradas. Faria aqueles lábios deformados se abrirem para aspirar o mais sublime e pervertido dos gozos.

Sentiu-se apertá-lo e gostou daquilo. Sentiu aqueles dentes frios e finos riscarem a pele de seu rosto. Sentiu o espasmo e o cheiro de sangue. Arrepiou-se quando aquele hálito nojento avançou para seu pescoço.

— Maldita! — urrou ele, empurrando-a para longe de si.

Ela se ergueu imediatamente, rosnando ameaçadoramente.

— Eu a criei... Eu lhe dei a vida... Eu sou seu mestre...

Ela gargalhou satanicamente, avançando com as mãos erguidas e as unhas recurvas cintilando à luz do fogo.

— Maldita! Mil vezes maldita! — berrou medonhamente o corcunda, apanhando uma pesada clava enferrujada e brandindo-a com todas as suas forças de encontro ao rosto crispado da mulher-vampiro, transformando-a numa máscara horrível de osso, nervos e pele pendente.

Ela continuou gargalhando e avançou novamente.

— Não! — gemeu o corcunda, apanhando um dos archotes e jogando-o sobre ela.

O fogo fez encolher o cabelo desgrenhado, espalhando um cheiro desagradável no ar.

Ela urrou, preparando-se para novo ataque. Torg viu uma velha espada a um canto. Apanhou-a e esperou. Quando a garota avançou, num golpe violento, ele a decepou. Depois, louco de fúria, atirou-o sobre o corpo e rasgou-lhe as carnes com suas mãos crispadas, até arrancar o coração sangrando.

— Rufião! Bobo da corte! Inútil cachorro que nem os restos pode aproveitar! Maldito aleijado! Aborto desgraçado de um ventre pervertido! — foi gritando para si mesmo enquanto devorava o coração de Nara Coletto.

\*\*\*

Suzanah se ergueu lentamente. O sangue que escorria por entre suas coxas espicaçava o desejo abominável de Drácula.

Um manto roxo, bordado com símbolos cabalísticos, foi posto em seus ombros, cobrindo sua nudez. Um cetro entalhado em ossos humanos foi posto em suas mãos.

— Que as noviças se aproximem — ordenou o bruxo.

As três garotas se aproximaram e se deixaram despir num ritual ensaiado. Suzanah observou o cetro em suas mãos, lembrando um membro masculino.

— Purifique-o — ordenou o bruxo e Suzanah caminhou até o caldeirão, mergulhando ali o cetro do ritual de iniciação.

Ergueu-o diante dos olhos depois o aproximou da boca, lambendo-o. Os olhos de Drácula cintilaram, observando-a. Suzanah se voltou para as três garotas, que se ajoelharam, depois penderam para frente como ela também havia feito antes.

Suzanah se aproximou da primeira delas, deflorando-a com o bastão ritual. As figuras junto às paredes iniciaram uma dança demoníaca, trocando abraços e carícias enlouquecidas. Drácula olhou Daura, que tudo assistia passivamente.

Urros e gemidos de gozo dominaram a caverna, quando a segunda feiticeira foi desvirginada. Ao tocar a terceira delas, porém, ela se pôs em pé num salto.

— Não... Eu não quero! — berrou, fazendo todos se calarem.

Um silêncio mortal pairou. Os olhos de Drácula fuzilaram. Os de Suzanah esgazearam-se perigosamente.

— Ela deve ser punida! — gritou o bruxo.

— Eu farei isso — disse Drácula, excitado pelo cheiro de sangue e sexo que dominava o local.

— Não! Eu sou a rainha e eu cuido disso — falou Suzanah mais alto.

Drácula se voltou para ela, surpreso com a ousadia. A rainha das feiticeiras ousara desafiar o poder de decisão do príncipe do mal, mestre dos morcegos?

Riu, enquanto estendia uma das mãos na direção da sacrílega.

— Venha a mim, mulher — ordenou, fixando seus olhos chamejantes nos olhos dela.

— A mim! — ordenou Suzanah, em seguida.

Drácula gargalhou e fez um sinal com os dedos. A jovem que se recusara a aceitar o batismo caminhou para ele lentamente.

— A mim! — gritou Suzanah, mas não pode vencer ao poder do vampiro.

Drácula enlaçou sua vítima, olhando-a nos olhos aterrorizados. Depois cravou suas presas mortíferas no pescoço delicado, sugando avidamente o sangue virgem que o fortalecia terrivelmente.

Suzanah estremeceu e fez um sinal para que o ritual prosseguisse, enquanto Drácula se satisfazia.

Assim que as duas novas bruxas beberam a mistura, gritos de louvor se ergueram, ecoando pelas paredes. Suzanah abraçou-as, beijando uma a uma nos lábios.

Depois fez com que elas se postassem a seu lado. Segurou-as pelos pulsos. Seus olhos se esgazearam. Quando soltou-as, a marca do diabo havia sido impressa indelevelmente em suas peles.

## CAPÍTULO 8

Suzanah Gantry uma americana trêmula e assustadiça deixara de existir para sempre. Em seu lugar surgira uma terrível mulher, ciente de poderes que estiveram latentes em seu corpo, adormecidos à espera do batismo.

Sua mente se abriu para visões fantásticas. A dimensão de seu poder era ilimitada. Dominava seus seguidores, mas isso não era o bastante.



Experimentara a humilhação, a servidão, a zombaria. Agora seu orgulho prevalecia num brilho desafiador que tornava seus olhos perigosos.

— Faça seu pedido, rainha — falou Drácula, aproximando-se. — Será a digna rainha do clã dos morcegos e reinará para sempre quando eu a tocar — continuou, o olhar fixo no pescoço torneado, atento à veia pulsante e cheia de vida.

— Eu faço o meu pedido — disse ela, estendendo o braço e detendo a aproximação do vampiro.

— Seja feito, então!

— Eu quero o poder supremo! — murmurou ela e um estremecimento abalou os presentes.

— Você deve estar maluca se... — ia dizer o bruxo, mas Suzanah o fez calar com um gesto.

— Nunca mais dirija a mim nesse tom, velho. É um rufião, agora, em minha corte. Faça-nos rir. — ordenou ela.

A expressão do velho se alterou. Ele empalideceu, depois tossiu cuspidando fora uma aranha peluda e pegajosa. Seu rosto espantado arrancou risos. Suzanah se voltou para Drácula.

— O poder absoluto só pertence a mim — disse ele, percebendo o desafio inesperado.

— Tenho o direito de questioná-lo — disse ela, com firmeza.

Suas mãos seguraram as mãos das outras feiticeiras a seu lado. Drácula entendeu o que ela pretendia. Seria o poder das três contra ele.

— Volte atrás, rainha! — suplicou rufião, vindo cair de joelhos diante de Suzanah.

— Cale-se, nojento! — rosou ela, os olhos esgazeando-se num brilho maléfico.

O corpo do velho bruxo rodopiou pela caverna, até chocar-se com um braseiro e derrubá-lo. A chuva incandescente cobriu seu rosto e um grito desumano cortou o silêncio, estremecendo todos os presentes.

Ele se contorceu pelo chão encardido, os olhos vazando pelas brasas, o rosto deformado irremediavelmente pelo fogo.

— Eu a amaldiçoou — berrou ele, enquanto Suzanah gargalhava.

Seus olhos brilharam mais uma vez e um espasmo percorreu o corpo do velho, que imobilizou-se em seguida, como se um peso esmagador pressionasse seu corpo contra o solo.

Seus olhos se esbugalharam, sangue jorrou de sua boca. Seu peito se abriu e as vísceras se espalharam em meio ao sangue.

Suzanah relaxou o corpo, depois encarou Drácula. O Príncipe das Trevas sorriu.

— É uma digna rainha, Suzanah. Aceite os encargos de seu posto... Apenas eles. — aconselhou o vampiro.

— Sempre estive por baixo. Conheci a humilhação e o desprezo. Não aceito ser a segunda.

— Jamais terá sucesso. O poder total pertence apenas a mim.

— Eu o tomarei.

— É uma tola! Pagará por isso!

— E o que veremos, mestre — zombou ela e seu olhar maléfico se fixou na figura loura de Daura, até então imóvel ao lado do seu senhor.

— Não! — rugiu Drácula, mas os olhos de Suzanah já se esgazeavam perigosamente.

Daura estremeceu. Um grito escapou de seus lábios traduzindo uma dor intensa e desmedida. Drácula a olhou. Sua pele acetinada e pálida se gretava, transformando-se numa chaga viva.

Em segundos ela envelheceu anos, as carnes apodrecendo, despencado dos ossos. Depois, o esqueleto se desmembrou e as roupas farfalharam para

o chão, quando ela desabou. Suzanah continuou olhando fixamente para o que restava da bela mulher. Os ossos se ressecaram instantaneamente, transformando-se em pó, que o vento frio soprou, espalhando por toda a caverna.

Os olhos de Drácula chisparam e todo seu corpo crispou-se.

— Vai conhecer a irá de Drácula! — rugiu ele, avançando ameaçadoramente.

Suzanah gargalhou e um círculo de fogo se formou ao redor do monstro.

O vampiro urrou, debatendo-se contra as chamas que se estreitavam, buscando seu corpo.

— Maldita! — berrou ele se seu corpo se imobilizou.

Por instantes fosforesceu, até ser envolto por uma névoa esbranquiçada que subiu até o teto de pedra e deslizou para fora do alcance do fogo, que se apagou instantaneamente.

O olhar de Suzanah acompanhou a névoa, até que ela se assentasse sobre o altar macabro. A figura sinistra e irada de Drácula se materializou e seu olhar cheio de ódio encarou a rainha das feiticeiras.

Um silêncio de morte pairou. Homens e mulheres se apertaram contra a parede, esperando o desenlace do terrível desafio.

A um gesto, porém, todos se aproximaram de Suzanah. De mãos dadas, formaram um círculo ao redor das três feiticeiras, entoando um cântico poderoso.

A feiticeira sorriu e seus olhos voltaram a brilhar, encarado Drácula. Um archote desprendeceu-se de seu suporte e cruzou a caverna, na direção do vampiro, que saltou do altar para o chão, desviando-se da arma mortal.

— Maldita! Vai se arrepender de desafiar o Conde Drácula! — rugiu ele.

— Ao inferno com você — gargalhou ela, e meia dúzia de archotes, zumbindo macabramente, desprenderam-se de todos os pontos da caverna convergindo para a figura negra.

Uma nuvem de poeira se formou e eles a atravessaram, chocando-se e espargindo chamas pelo piso.

Drácula voltou a se materializar, dessa vez possesso, destilando a cólera no olhar sangrento, prometendo vingança nos dentes arreganhados e ameaçadores.

— Estou apenas começando mestre — zombou Suzanah, os olhos cintilando.

Uma rede de contas sagradas e crucifixos voou para cima do monstro, que se retraiu rapidamente, ganhando a forma de um rato, que guinchou e escapou por entre as malhas. No mesmo instante, Suzanah soltou as mãos das outras feiticeiras e fez um gesto.

Um gato surgiu em seu lugar, saltando imediatamente sobre a ratazana que foi encurralada a um canto. Uma gargalhada sinistra se ouviu quando o gato saltou, mas nada encontrou em seu bote.

O enorme morcego esvoaçou pela caverna. Suzanah voltou a sua forma primitiva, mas, estarrecida, percebendo que o morcego pousava entre ela e o círculo formado por seus seguidores.

A ira de Drácula explodiu em toda sua violência. Ele saltou sobre ela, rosnando, agarrando-a pelos cabelos e puxando-a para junto de si.

Suas unhas penetraram com violência nos olhos maléficos da bruxa, vazando-os. Depois, não satisfeito, arrastou-a para junto de um braseiro e mergulhou sua cabeça na lava incandescente.

Um urro de dor atravessou a caverna e se debateu entre suas paredes frias. Suzanah debateu-se. Impotente, os outros assistiram a destruição de sua rainha.

O furor da besta-fera não estava aplacado, no entanto. Ele ergueu o corpo de Suzanah diante de si, depois a puxou para si, colando sua boca ao pescoço chamuscado e cravando impiedosamente suas presas na pele macia.

O sangue jorrou, mas Drácula não o sugou. Com suas mãos poderosas ele pressionou aquele corpo contra a parede, desangrando-o completamente.

Depois, ensandecido, voltou-se para os outros, que foram se refugiar atrás do altar. Drácula avançou até o caldeirão maldito, entornando-o.

Depois chutou as achas de lanha que fumegavam.

Uma delas foi bater contra a parede oposta.

Qualquer coisa chiou perigosamente, antes que um galão de gasolina explodisse, espalhando fogo pelo aposento.

Um outro explodiu logo em seguida. A armadilha de Rocco funcionara, afinal.

Gritos de dor e supremo desespero dominaram a caverna, enquanto galões sucessivos explodiam, transformando aquilo num inferno de fumaça e fogo.

\*\*\*

Quando Cármine e os policiais invadiram a festa, uma língua de fogo deixou a gruta e foi lambar o céu escuro, em reflexos assustadores que semearam o pânico entre os freqüentadores da festa.

Gritos de angústia e medo dominaram o amplo salão, enquanto os policiais tentavam atravessar aquela massa humana em fuga e chegar até a porta que conduzia ao jardim.

— Foi Rocco! — exclamou Cármine ao seu superior.

— Que diabos! — praguejou o superintendente, fazendo um gesto para que os outros o seguissem.

Atravessaram o jardim até a gruta, que se assemelhava agora à própria boca do inferno. Grossas línguas de fogo subiam ao céu e sucessivas explosões abalavam o solo.

Gritos lancinantes desesperados se ouviam, acima do ruído do fogo.

— Deus do céu! O que foi que ele fez? — indagou-se Cármine.

A resposta macabra surgiu num corpo em chamas que deixou a gruta e veio se atirar em desespero num lago artificial ali perto.

— Detenham-nos! — ordenou o superintendente.

Os policiais tiraram suas jponas e correram ao encontro dos outros que deixavam a gruta, horrivelmente queimados.

Nuvens grossas de fumaça se elevaram. Cármine correu até as vítimas que estertoravam, terrivelmente deformadas pelo fogo.

— Rocco! Rocco! Seu maldito filho de um bruxo. Por que não me contou antes? — foi gritando, alucinadamente, enquanto procurava pelo superior e amigo.

\*\*\*

Torg havia reduzido o que restara do corpo de Nara Coletto numa pasta sanguinolenta e disforme.

Sua ira não se aplacara. Seu desespero e sua frustração exigiam que se esgotassem todas as suas forças.

Apanhou uma pesada clava e se pôs a martelar as paredes até a exaustão. Caído, finalmente, apoiado à parede, derramou lágrimas de impotência diante de seu destino.

Parado ali, ofegante, seu olhar se fixou na copa da espada que usara para degolar a vampira. A forma de uma cruz o fez estremecer.

Ruído, então, entendeu o verdadeiro culpado de toda a sua miserável vida.

— Drácula! — exclamou, pondo-se em pé.

— Drácula! — repetiu, caminhando tropeçadamente através da sala de torturas.

Atravessou corredores sombrios até um aposento, que abriu com violência, olhando o esquife que repousava ao centro. A tampa de ébano estava aberta. Drácula ainda estava fora.

Febrilmente o corcunda deixou o calabouço e foi até a ampla sala, mobiliada com móveis antigos e pesados. Com sua força descomunal ele quebrou uma mesa. Com farrapos da cortina ele improvisou algumas cruces, que levou até junto do esquife, cercado-o.

Depois retornou à sala e se munuiu de uma grande cruz improvisada, voltando ao calabouço e se postando ao lado da porta, aguardando.

Sua mente torturada só encontrava uma saída desesperada. Destruir Drácula, afinal, seria sua própria destruição. Dessa forma cessaria sua escravidão e o descanso eterno poderia se abater sobre seu corpo, ainda que isso significasse as chamas do inferno.

Esperou, mas não ouviu ruído. Apenas um uivo raivoso e desumano cortou o silêncio do solar. Torg se pôs em pé, segurando a cruz.

Sabia o que ia fazer. Destruiria Drácula e Daura, depois se deixaria ficar ao lado das cinzas, até que os vermes corroessem seus ossos.

Avançou para o aposento. A um canto, Drácula rosnava, protegendo seus olhos da influencia maléfica das cruces. Estava fraco, cansado após a terrível batalha que enfrentara.

Sua preciosa capa estava chamuscada e seu corpo exibia as marcas da luta mortal.

— Torg, sua besta humana! Afaste essas cruces! — berrou.

— Não, mestre. Estou cansado, muito cansado — respondeu o corcunda, aproximando-se com a crua.

— Maldito aleijado — rosnou o vampiro, jogando-se contra ele.

Torg cambaleou, depois caiu sobre as cruzes junto à porta. O morcego humano voou sobre ele, ganhando o corredor e se aprofundando em direção à sala de torturas.

O corcunda se levantou, enlouquecido pela frustração. Por instantes procurou pela figura de Daura. Depois, atabalhoadamente, saiu em perseguição ao mestre.

Coxeou pelo corredor, cego pela frustração, vencendo a escuridão.

Viu a luz que brilhava na sala de torturas e avançou segurando firme o pedaço de madeira em suas mãos. Estacou à porta.

Do outro lado, Drácula o olhava ao lado de uma pequena catapulta, armada com uma bola de ferro cheio de cravos.

— Foi seu último desafio a mim — rugiu Drácula, acionando o aparelho.

O peso atravessou a sala, enquanto Torg se abaixava. O ruído metálico ecoou pelo corredor, enquanto ele avançava, erguendo a cruz.

— Estou cansado, mestre. Cansado desta carcaça podre e repulsiva, cansado de tudo! — gritou.

A influência do símbolo do bem se abateu sobre o Príncipe das Trevas, que recuou. Seus pés esbarraram numa clava manchada de sangue fresco. Ele a brandiu, arremessando contra o corcunda, que recebeu o impacto em pleno peito, caindo para trás.

A cruz improvisada desmantelou-se ao chocar-se contra a parede. Drácula aproximou-se raivosamente.

— Perdão, mestre — suplicou o corcunda.

— Vou perdoá-lo, Torg — disse o vampiro, apanhando um objeto que estava preso à parede.

— Não, mestre — berrou o corcunda.

— Quando eu terminar seu castigo, Torg vai lastimar que eu não o tenha matado. Depois, então, iremos embora daqui — disse Drácula,



agitando sadicamente o chicote de correntes que terminavam em pequenas esferas de metal, cravejadas de finos e pontiagudos cravos.

— Não, desta vez não! — berrou o servo, gritando em desespero como nunca antes havia gritado em sua vida e avançando contra o seu senhor.

Por instantes Drácula ficou atônito e imóvel, como nunca antes ficara em sua vida. Depois, seus olhos faiscantes foram baixando o olhar, até se concentrarem, incrédulos, na lasca da cruz enfiada em seu peito. Ele ergueu, então, os olhos para o corcunda.

— Percebe o que fez? Percebe o que fez, maldito! — murmurou ele, enquanto suas carnes se liquefaziam, diante dos olhos esbugalhados de Torg.

## **FIM DO DÉCIMO E ÚLTIMO LIVRO**

## **L P Baçan - O Mago das Letras**

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçônico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

**[www.acasodomagodasletras.net](http://www.acasodomagodasletras.net)**